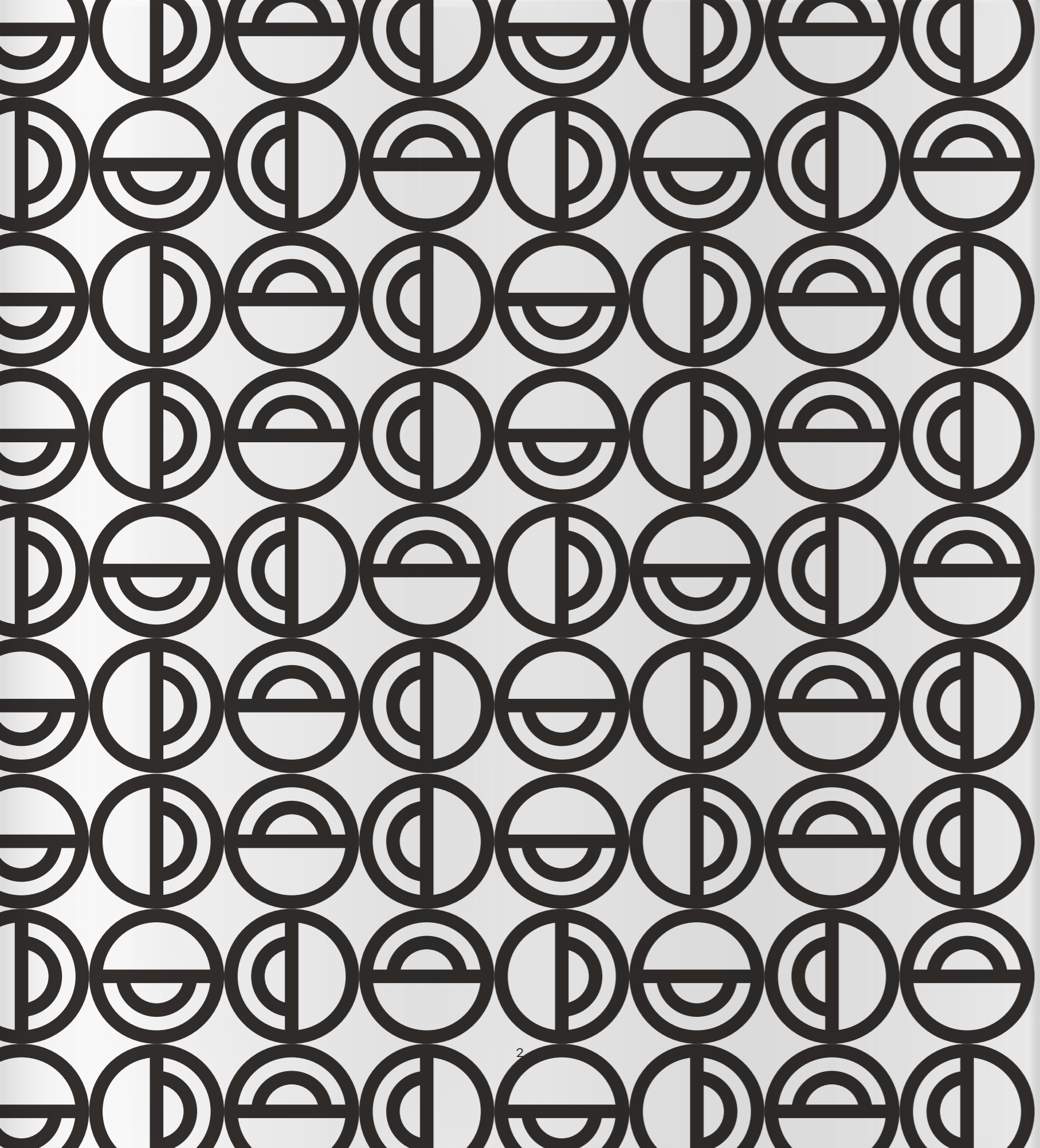


CADERODE **30**
ANOS

Uma história de inquietos



LEGADO
HISTÓRIAS DE VIDA



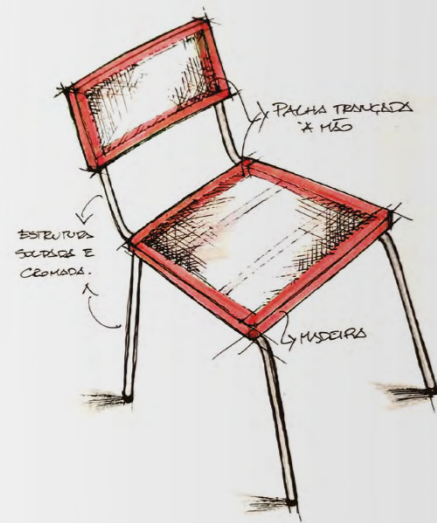
CADERODE 30 ANOS

Uma história de inquietos

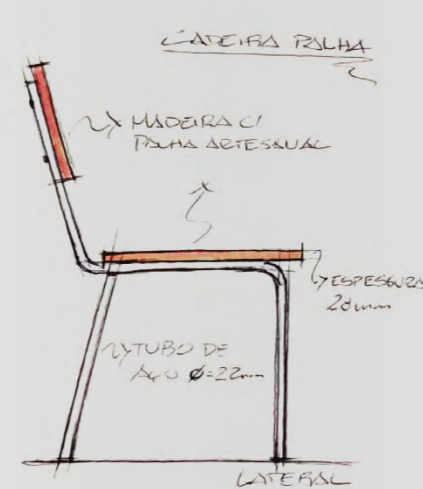
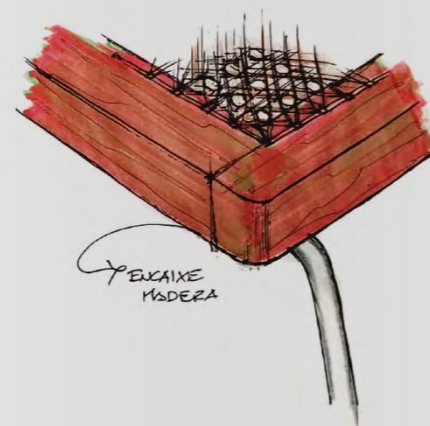
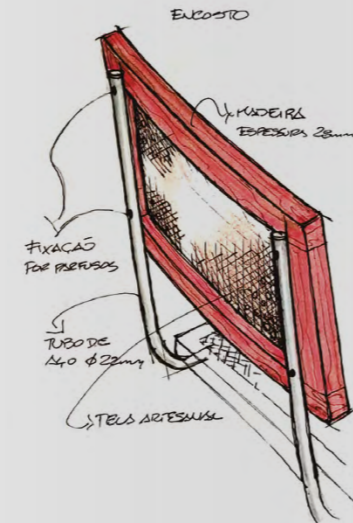
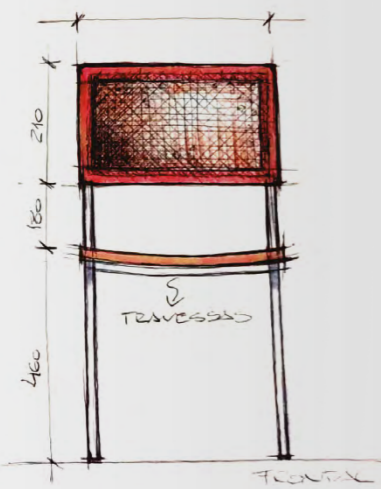


CADERODE 30 ANOS

Uma história de inquietos



DETALHE TRAMA



PREFÁCIO

O amor é um sentimento universal, simbolizado por um coração que, independentemente da cor, é facilmente interpretado por todos em qualquer canto do mundo. Acredito ser o primeiro sentimento que conhecemos, mesmo sem saber nomeá-lo.

Alguns momentos marcam nossa vida. O primeiro brinquedo, a primeira professora, o primeiro amor, o primeiro emprego... Cada fase da vida vem com uma nova descoberta.

Temos um amor que já nasce conosco e vai passando por algumas transformações ao longo dos anos. Ao nascermos, é infinito, na adolescência, passa por turbulências, mas, quando amadurecemos, entendemos que esse amor é cuidadoso, zeloso e só nos ajuda a crescer. Esse sentimento é o mais forte que existe, que é o amor pelos nossos pais.

Ao lado do amor, nascem outros sentimentos: admiração, lealdade, cumplicidade, respeito e orgulho, emoções que vão deixando essa relação cada vez mais forte. Esses são os sentimentos que carrego pelo

Bobi (o Volnei, meu pai) e pelo Chico (o Valdeir, meu padrinho de batismo).

Junto a esses sentimentos, nos meus 13 anos, no meu primeiro emprego, me foi apresentado o sentimento Caderode, o trabalho do meu pai e dindo, que eu mal sabia o quanto mexeria comigo ao longo dos anos.

Hoje me encho de orgulho em estar seguindo os passos deles e dividir esse amor inquieto que tanto nos move diariamente. Que você se emocione e se arrepie tanto quanto nós com essa história linda, cheia de garra, humildade e gente do bem que, com muito suor, construiu um legado de 30 anos.

Que esse seja apenas o começo de um novo capítulo que juntos vamos conquistar com nosso jeito sincero e inquieto de ser e ver o mundo.

Mariana Dondé



PALAVRAS DOS DIRETORES

Caderode única e forte.

Este livro narra não apenas a história de uma empresa, mas a de um legado construído com humildade, coragem e inquietude. Hoje, mais do que nunca, temos a responsabilidade de manter esse espírito vivo, aprendendo com as novas gerações e celebrando cada passo dado. Que essas páginas inspirem todos a seguirem conosco nessa jornada de constante reinvenção.

Valdezir e Volnei Dondé

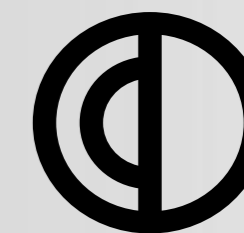


Ao completarmos três décadas de uma trajetória que começou em um porão e se expandiu até o que a Caderode é hoje, nos vemos refletindo sobre o que nos trouxe até aqui.

Não tínhamos como imaginar que aquele sonho simples, alimentado pelo suor e a força de vontade, chegaria a este patamar. Foi um caminho longo, feito de muitas mãos — as nossas, de familiares, amigos e parceiros que acreditaram e cresceram conosco.

A Caderode não é só um negócio; ela é, para nós, uma família, um lugar onde compartilhamos tempo, conquistas e aprendizados. Ao olharmos para trás, vemos as dificuldades que enfrentamos, a perseverança que nos sustentou e o apoio essencial das pessoas ao nosso redor. Cada colaborador que passou por aqui deixou uma marca, e muitos estão conosco desde o início, acompanhando e contribuindo para a evolução da empresa. Acreditamos que essa união e o respeito pelas histórias individuais formam o alicerce que torna a





Linha do tempo

1994

Os irmãos Valdezir, Volnei e Vanderlei fundam a Caderode. O início acontece no porão da casa dos pais, com uma confecção totalmente artesanal e produção focada apenas em cadeiras feitas de metal e palha.

1998

É adquirida a Metalmóbile e os negócios são ampliados. A empresa começa a produzir móveis e uma nova linha de cadeiras de escritório em outro espaço físico, passando a funcionar próximo ao Estádio Homero Soldatelli.

2000

A Caderode transfere-se para a VRS-314, em um prédio maior, de 1.400m², em que contempla todos os setores.

2004

A empresa completa uma década dedicada a móveis de qualidade. O espaço físico é de 6 mil m². A Caderode começa a exportar e conta com lojas exclusivas e multimarcas em todo país.



2010

O espaço físico é de 8 mil m². A empresa inicia a profissionalização dos departamentos com setores administrativo, financeiro, compras, comercial e engenharia. A área fabril é dividida em metalurgia, estofaria e mobiliário.

2014

O modelo de lojas exclusivas se consolida e a Caderode muda seu slogan para Conforto para Inquietos, se aproximando mais do profissional contemporâneo.

2015

A empresa conquista com orgulho a certificação FSC®, consolidando o trabalho de consciência ambiental.

2017

Para ampliação do mix de produtos, a empresa adquire mais um pavilhão e passa a contar com a linha de Divisórias Piso-Teto, tendo um incremento de 15% no seu faturamento anual.



2019

Volnei e Valdezir seguem na diretoria da Caderode, como diretor-presidente e diretor industrial, respectivamente. Pensando na verticalização da produção, investem pesado no parque fabril. Adquirem novas máquinas como laser de chapa, dobradeira de tubo, dobradeira de chapas e cabine de pintura exclusiva para itens coloridos.



2020

Ano da pandemia, quando a Caderode implanta mudanças que definiriam o sucesso e crescimento dos próximos anos. É criado um novo modelo de negócios, o Hub de Soluções, são feitas parcerias com outras empresas do ramo, investimentos na nacionalização de componentes que antes eram importados, além da criação de um setor dedicado para projetos customizados.



2021

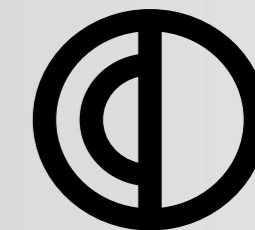
Para apresentar seu reposicionamento, a Caderode inaugura um showroom modelo em Flores da Cunha. O parque fabril é de 15 mil m² neste ano e a empresa já conta com 30 lojas no Brasil e América do Sul.



2023

A Caderode firma parceria para produção do front das concessionárias de automóveis e é inserida em todos os espaços de duas grandes cooperativas de crédito: Sicredi e Sicoob. Além disso, a franquia Tudo em Grãos se torna homologada da marca.






2024

É o ano do trigésimo aniversário da Caderode e o melhor momento da empresa até então. A marca passa da impressionante marca de 600 mil cadeiras vendidas, 27 mil clientes, além de portfólio com 4 mil produtos ativos. A área fabril é de 16 mil m², empregando 200 pessoas diretamente e mais de 300 indiretos.



CADERODE[®] 30 ANOS

Uma história de inquietos



Carregamos em nosso DNA muitas características dos nossos antepassados. Podemos não ter conhecido todos eles ou sequer saber exatamente quem eram, mas eles estão dentro de nós de alguma forma. A maioria das famílias da região da Serra Gaúcha carrega neste DNA a coragem e a força dos seus ancestrais italianos.

No período conhecido como a “Grande Imigração” (final de 1800), milhões de imigrantes europeus partiram para o Brasil. Grande parte deles era de italianos, que se arriscaram com suas famílias na esperança de uma vida mais próspera no novo país. Para isso, deixaram tudo para trás e enfrentaram longas viagens de barcos a vapor cruzando o Oceano Atlântico. O trajeto durava mais de um mês, período em que eles se alojavam na terceira classe dos porões dos navios — escuros, úmidos, pouco ventilados e superlotados. Nem todos sobreviviam à viagem.

Chegando em Porto Alegre, partiam de carreta ou de cavalo para as terras delimitadas pelo governo, enfrentando mato

fechado e animais perigosos. Diferente do que lhes haviam dito, essas terras nada tinham, apenas potencial. Ao chegarem na “Terra da Cocanha”, como eles esperavam que ela fosse (a terra da prosperidade), construíram suas casas e começaram suas plantações.

Os italianos espalharam-se pelo Rio Grande do Sul e deixaram pelas cidades um legado de resiliência e superação. Lições de que nada é tão difícil que não possa ser superado. Ensinamentos que passariam de geração a geração dentro das famílias.

Uma dessas famílias seria a formada por Paulo Dondé e Therezinha Carnino Dondé, netos de imigrantes italianos. Após o casamento, em 1952, eles tiveram oito filhos, em uma época em que as famílias eram tradicionalmente grandes, especialmente para ajudar no trabalho da terra: Maria de Lourdes, Valter, Zelinda, Zenilda, Denice, Vanderlei, Valdezir (Chico) e Volnei (Bobi).

Os dois últimos, em 2024, em um mundo completamente diferente do mundo em que nasceram (e ainda mais diferente daquele mundo da época da imigração), estariam colhendo os frutos da empresa que criaram em Flores da Cunha. Ela seria resultado do seu esforço e trabalho, sustentado também pelos ensinamentos dos pais, pelo exemplo dos avós e pela coragem dos

bisavós e trisavós. Tudo se encaixou nessa linha do tempo cheia de empreendedo-
rismo e coragem para que uma empresa

prosperasse neste século XXI.
E essa história é de todos eles.
A história da Caderode.



*Casamento de Therezinha e Paulo Dondé, em 1952.
Eles tiveram oito filhos, entre eles, os que seriam os
fundadores da Caderode.*

Valdezir e Volnei Dondé nasceram em Vila Segredo, 9º distrito de Vacaria. Valdezir em 1964, Volnei em 1970. Eram meninos da colônia que andavam de pés descalços. Quando tinham sapatos, eram de dois números maiores, para que durassem por vários anos. Os calçados iam passando de irmão para irmão. As irmãs mais velhas dos meninos, quando iam para a igreja semanalmente, faziam o trajeto a pé. Para não gastar os sapatos, os colocavam apenas na entrada da missa. Depois que a cerimônia acabava, o pai comprava uma rapadura, que dividia entre todos. À noite, as fatias de salame eram servidas bem finas, para que ninguém ficasse sem. “Mesmo com pouco, a gente estava feliz,” lembram eles.

Valdezir, em Vila Segredo, ajudava os pais no trabalho da terra, usava a enxada, fazia serviço de carreteiro, cortava lenha, cuidava dos animais e ajudava com os irmãos menores. A mãe, além de tomar conta da casa e dos filhos, tinha que trabalhar nas plantações também, que não eram vastas, mas eram suficientes para o sustento da família de 10 integrantes. Havia trigo, uva e milho, que eram plantados em terrenos irregulares, exigindo bastante força braçal de quem trabalhava.

Na comunidade, o conceito de individualismo não existia como hoje. Muitas coisas eram compartilhadas: dividia-se o que era produzido nas terras e até os animais.

Não havia problema, por exemplo, se um vizinho pegasse uma galinha de outro para fazer um brodo à noite, pois todos ganhavam um pouco daquele caldo depois.

Apesar do ambiente amigável, os pais, Paulo e Therezinha já sabiam que Vila Segredo não daria aos filhos as condições para que eles se desenvolvessem. Por lá, só havia mesmo a opção do trabalho na terra, atividade que ficava cada vez mais difícil, pois estava sujeita às intempéries do tempo, como fortes chuvas de pedras que destruíam as plantações. Então, pouco a pouco, os filhos mais velhos foram se mudando.

As irmãs partiram para Flores da Cunha, onde faziam limpeza para os freis capuchinhos. Certo dia, durante uma conversa, um padre, chamado Emanuel, disse à Therezinha e Paulo que a cidade de Flores seria uma boa opção para o restante da família também.

Assim como os antepassados, lá atrás, saíram da Itália para o Brasil para condições melhores à família, os Dondé também se mudaram para um local um pouco mais desenvolvido. Ou, pelo menos, com potencial para se desenvolver. Valdezir, Volnei e os irmãos mais velhos foram com os pais para Flores da Cunha. Fizeram a viagem com dois caminhões cheios, que transportaram até os porcos, galinhas e vacas da propriedade.

Era 1973. Naquela década, Flores estava se desenvolvendo. Nos anos 70, muito havia acontecido na cidade: foram feitas obras de pavimentação da RS-28 (atual ERS-122), além de calçamentos, incluindo na via de acesso ao Parque da Vindima;

construção e inauguração da plataforma turística do Belvedere Sonda; inauguração da Estrada da Integração, unindo Mato Perso a Otávio Rocha; e inauguração do primeiro orelhão (localizado na Av. 25 de Julho).



Flores da Cunha, nos anos 1970. Igreja Matriz, com visão parcial da antiga Praça da Bandeira, esquina entre a Avenida 25 de Julho e rua John Kennedy. Ali havia um ponto de táxi e uma banca de revistas.

Crédito: Acervo pessoal do fotógrafo Rui Boff.

Em Flores, os pais de Valdezir e Volnei deixaram de ser agricultores. Therezinha se tornou cozinheira do Hotel Brasil, e Paulo, depois de trabalhar como servente de pedreiro, foi funcionário da Móveis Rosseto. Como eles agora trabalhavam fora,

entre os filhos, eram os próprios irmãos mais velhos que cuidavam dos mais novos em casa. A conduta dos pais, que sempre foram muito esforçados e trabalhadores, serviu de exemplo a todos eles.



NOV - 74

Volnei na infância.



Valdezir na infância.

O endereço havia mudado, mas o cenário da família Dondé não sofreu uma transformação tão drástica assim. Na nova propriedade da família, em Flores, ainda havia um pequeno parreiral, milhoal e alguns animais. Na maioria, porcos. Eles montaram um "chiqueirão", como chamavam, onde ficavam os suínos que eram abatidos por eles. No dia em que o pai matava um animal, pelo menos dez vizinhos apareciam para receber seu "kit". Os vizinhos, em contrapartida, distribuíam outros mantimentos produzidos em suas casas. Aquela cooperação de Vila Segredo também existia na comunidade de Flores da época. Era o espírito do interior, onde todos se ajudavam.

Os meninos, ainda pequenos, começaram a executar trabalhos artesanais de empalhar garrafões de vinho no porão de um vizinho. Faziam as tranças de vime nos garrafões. Mais tarde, trançavam com uma linha de plástico, quando o material surgiu. O trabalho manual, curiosamente, tinha a ver com o que eles executariam anos mais tarde, no começo de sua empresa, que também seria em um porão.

Além dos garrafões, eles também faziam caixinhas de uva e ajudavam nos parreirais na época das safras. Passavam uma semana fora, no interior, fazendo o serviço. Isso dava a eles uma ocupação, o que, na época, era normal para crianças,

mas também já ajudava na renda da família. Para dar conta dos trabalhos, estudavam à noite.

Na casa, sempre havia polenta e café com leite, além de sopa de batata doce e de feijão. Eventualmente, quando tinham visitas, os mais jovens sabiam que precisavam se controlar e deixar as visitas se servirem primeiro. Therezinha era daquele tipo de mãe que, apenas com um olhar, conseguia fazer com que os filhos a entendessem. O pai, apesar de ser um homem baixinho, podia ser bem bravo. Quando as crianças faziam bagunça e barulho, especialmente à noite, ele perdia a paciência. Não era um homem de muitas palavras. Nem de muitas risadas. Certa vez, um morador atolou no banhado com uma mula velha e as irmãs foram ajudar, empurrando o cabresto. O cabresto acabou caindo e a mula também. Os meninos deram risada e apanharam em série do pai.

Não houve muito tempo para, de fato, ser criança. Volnei e Valdezir gostavam de descer as ruas com carrinho de lombo e jogar futebol, mas esses momentos não foram muito frequentes. A maior parte das lembranças dos primeiros anos de vida são, de fato, de trabalho. Mas os dois hoje concordam: "O trabalho não mata ninguém." De fato, eles sobreviveram.

Aos 11 anos, Volnei já trabalhava com carteira assinada na Vinícola Sgarioni.

Valdezir teve a carteira registrada aos 14 e ingressou na Sociedade Gaúcha de Vinhos Fante (hoje Fante Bebidas). Depois disso, os irmãos, que já tinham adquirido alguma experiência com serviços de eletricidade, trabalharam juntos em uma casa de materiais elétricos que criaram, a Dondé Eletricidade. Faziam rebobinagem de motores e instalações prediais. Volnei atuava na oficina e Valdezir fazia as saídas. Na época, tudo era feito a pé. O primeiro carro de Valdezir, mais tarde, foi uma Brasília, e o de Volnei, um Fusca.

Algum tempo depois, o irmão Vanderlei decidiu começar um empreendimento de produção de cadeiras com um sócio. Não havia dinheiro (e nem demanda) para ocupar um pavilhão quando o negócio iniciou. Por isso, o começo aconteceu no porão da casa dos Dondé, na Rua Heitor Curra, 3431, em Flores da Cunha. O espaço tinha 70 m², paredes de tijolo e chão sem acabamento. Volnei e Valdezir, que tinham experiência com trabalhos manuais e também com atividades de solda, ingressaram na empresa como ajudantes.



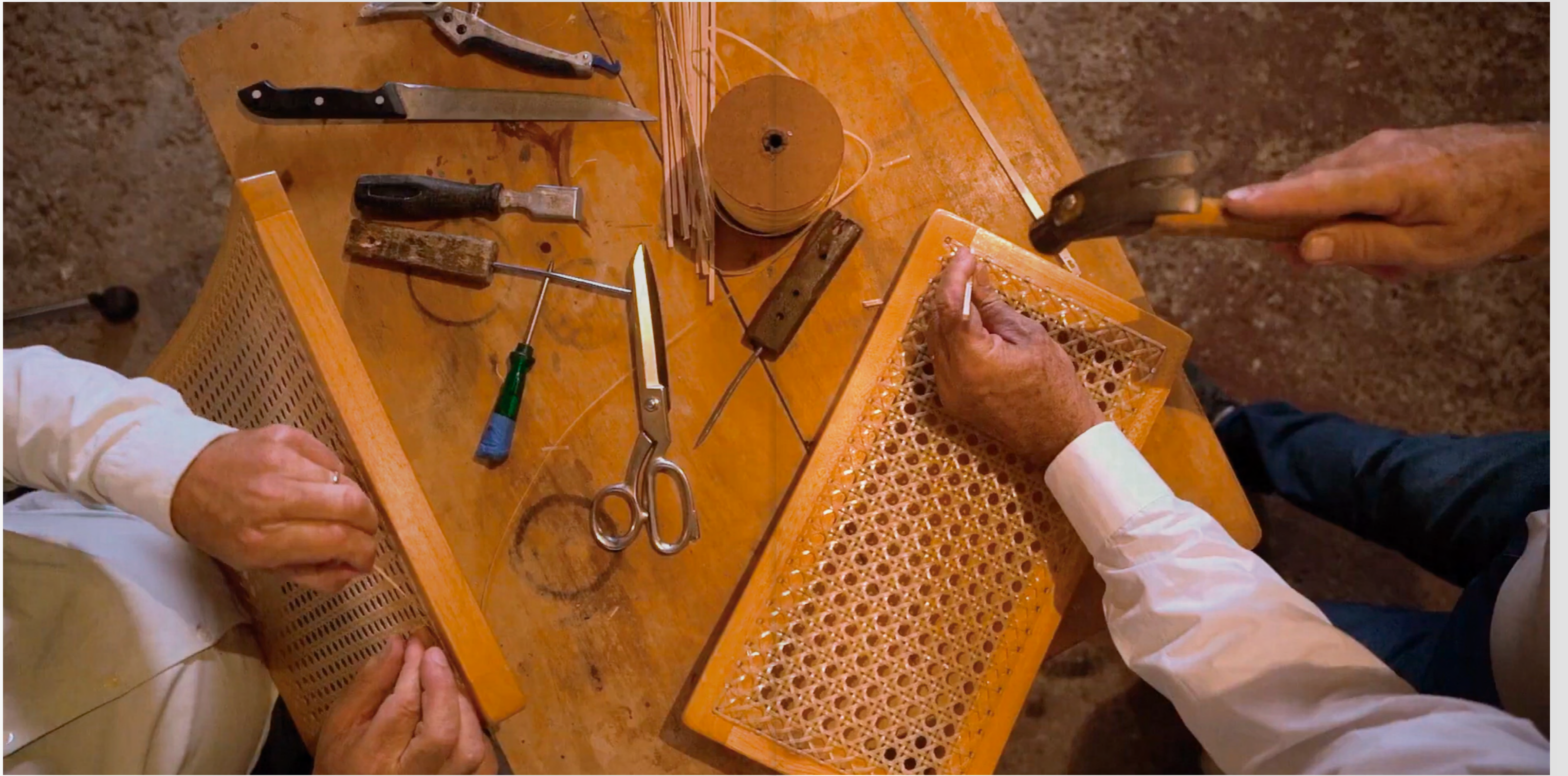
Casa dos pais de Vanderlei, Valdezir e Volnei, onde a Caderode iniciou.

Eles haviam aprendido a soldar na prática, pois tinham sido chamados pelas irmãs do Centro Cultural São José para construir uma estrutura metálica para um novo auditório. Foi ali que eles compraram máquinas e descobriram sozinhos como fazer o trabalho de solda, sem nem saber se estavam fazendo aquilo muito bem. Tanto que, muitas vezes, furavam e queimavam as peças (às vezes queimando até os olhos). Era tanta fumaça e fumaça que, certa vez, a mãe apareceu no porão com um balde de água, achando que o local estava pegando fogo. Eles foram trabalhando dessa forma, até que um cunhado, que tinha uma vinícola e sabia soldar tanques, começou a acompanhá-los durante a noite, dando dicas de como executar a

atividade de uma forma menos perigosa.

A confecção das cadeiras era 100% artesanal, com assento e espaldar confeccionados em madeira marfim e com estrutura de metal. As cadeiras quadriculadas, chamadas de P200, eram trançadas manualmente com palhinha, depois lixadas e envernizadas. Não havia recursos financeiros para investir ou tecnologia para auxiliar, mas havia muita preocupação com a qualidade dos produtos: desde o início, todas as cadeiras só saíam para venda se estivessem perfeitas. Volnei tinha apenas 24 anos e Valdezir, 30. Foi assim, em 1994, o início da Caderode. "Seria só mais uma empresa, mas essa foi feita a cunho e ferro," diz Valdezir.





Se para os Dondé, 1994 estava sendo um ano agitado, no Brasil e no mundo não estava sendo diferente. O período foi marcado por mudanças políticas, econômicas e tecnológicas significativas.

A Guerra Fria recém havia terminado, fazendo com que os Estados Unidos emergissem como a única superpotência global; Nelson Mandela tornou-se o primeiro presidente negro da África do Sul, marcando o fim oficial do Apartheid; e a globalização estava em plena expansão, com muitas economias se abrindo para o comércio exterior e investimentos estrangeiros.

Foi o ano da introdução do Plano Real no Brasil, reforma econômica que estabilizou a moeda e controlou a hiperinflação que havia assolado o país por anos, trazendo mais confiança à economia brasileira.

O país escolhia Fernando Henrique Cardoso como novo presidente, mas se despedia de Ayrton Senna, piloto tricampeão mundial de Fórmula 1, que faleceu em um acidente durante o Grande Prêmio de San Marino, Itália.

Em frente às televisões, mesmo local em que os brasileiros choraram a morte do ídolo Senna, eles também vibraram, meses depois, com o título de Tetra da Seleção Brasileira na Copa do Mundo e se emocionaram com filmes lançados em 94, que fariam muito sucesso, como Forrest Gump e O Rei Leão.

Em 1994, a internet era discada, mas estava começando a se tornar mais conhecida ao redor do mundo, assim como os telefones celulares. Estes, porém, ainda eram grandes, pesados e caros. Empresas como Amazon e eBay foram fundadas, sinalizando uma mudança na forma como as pessoas comprariam e venderiam seus produtos.

Neste ano, em Flores da Cunha, que já está completando o 70º aniversário, entraram em funcionamento as primeiras linhas de telefones celulares, foi inaugurado o Quartel do Corpo de Bombeiros, a nova sede do Clube Independente e a atual Igreja de São Pedro, na Linha 100. Além disso, em 1994, a cidade atingiu a importante marca de maior produtor de vinhos do Brasil.

A Caderode nascia nesse cenário, onde estava claro que grandes acontecimentos estavam por vir. Flores da Cunha — e o mundo — estavam preparados para muitas novidades. A empresa seria uma delas.



O nome Caderode, que significa “cadeira com rodas”, já indicava um movimento que seria característico de toda a jornada da empresa e dos seus profissionais, que estariam sempre em movimento.

O primeiro deles aconteceu logo depois, em 1995. Como a produção já exigia um espaço maior, eles se mudaram para um pavilhão de 150m² e chão batido, localizado atrás do Restaurante Casa Nostra, no Centro de Flores. Nessa época, funcionários da produção (a maioria, mulheres), ainda trabalhavam nas suas casas fazendo a etapa de trançar a palhinha das cadeiras. A Caderode, no novo espaço, começou a criar as tapeçarias das cadeiras, as dobras e as pinturas.

Neste ano, o sócio de Vanderlei saiu da empresa, frustrado com a demora em ver o lucro do empreendimento aparecer — ele esperava que a rentabilidade fosse mais rápida. Mas, ao sair, ele deixou bons contatos comerciais para que a Caderode evoluísse em outras cidades. A venda era focada para lojas multimarcas, não para o consumidor final, como é até hoje.

Com a saída dele, os irmãos Valdezir e Volnei ingressaram na sociedade. Na época, não tinham condições financeiras para isso, mas juntaram dinheiro, fizeram um financiamento e seguiram realizando outros trabalhos para dar conta da compra dessa cota da empresa — seguiram levando

adiante os serviços de eletricidade. Valeu a pena.

Naquela época, eles não estavam apenas começando um negócio, mas ambos também estavam na fase de dar início às suas famílias. Volnei havia se casado com Evandra Paula Brandalise, em 1991, e Valdezir, com Ivanete Romano, em 1995. Volnei teve a primeira filha, Mariana, em 1991. Quando a Caderode surgiu, demandando o dia todo do pai, ela tinha quatro anos de idade. Depois, vieram mais duas meninas: Júlia, em 1995, e Luísa, em 2000. Já Valdezir, foi pai de Nilton, em 1997, e Paulo, em 1999. Foram anos muito intensos para os dois. “Tem um fato que foi muito lindo,” conta Volnei. “Quando eu me casei, o meu irmão tinha uma casa pronta. Ele cedeu a casa dele para mim, e eu deixei para ele a minha casa, que estava em construção. Imagine se você vê isso acontecer nos dias de hoje? Alguém dizer: ‘Vai lá morar na minha casa, já que você vai casar, e, depois, terminamos a outra casa’. Isso é irmandade.”



Casamento de Volnei e Evandra, em 1991.



Casamento de Valdezir e Ivanete, em 1995.



Família Dondé: os pais e os oito filhos, na década de 90.

Volnei e Valdezir passavam, literalmente, mais tempo na Caderode do que em suas residências. Chegavam na fábrica sem hora para sair. Evandra e Ivanete criavam os filhos, que iam crescendo. Aos finais de semana, as crianças iam com os pais para o pavilhão, onde brincavam e se divertiam, enquanto eles trabalhavam. Algumas delas seriam parte importante da empresa na vida adulta, anos depois, mas não tinham a menor ideia disso ainda.

No começo, os três sócios participavam de todas as etapas da empresa:

venda, produção e entrega dos produtos. Com o tempo, foram se dividindo, cada um por suas aptidões. Vanderlei focava-se na parte comercial, Valdezir na gerência das cadeiras e Volnei no setor industrial.

Nos anos 1990, até mesmo o transporte das cadeiras era feito por eles, com uma Caminhonete Rural Ford F-75. A mesma caminhonete (que eles guardam até hoje), fazia também o transporte dos funcionários na caçamba tempos depois, quando eles precisavam de caronas para casa.



Caminhonete Rural Ford F-75 que fez parte da história da empresa.

Os produtos da Caderode começaram a ser vendidos localmente, em Flores e região. Muitas vezes, Valdezir fazia duas ou três viagens por dia para Farroupilha e Caxias. Mais tarde, a Caderode aumentou as vendas para Porto Alegre e outras cidades. Logo, a empresa foi expandindo para outros Estados do Brasil e aumentando o quadro de funcionários cada vez mais. Já havia um representante que ajudava a inserir o produto em novos locais. A marca crescia e começava a ser vista no mercado.

Mesmo com a Caderode se desenvolvendo, os sócios ainda recebiam salários bem modestos. A maior parte do faturamento da empresa, nos primeiros anos, era investida nela mesma. “Quando se começa do zero, tu não tens nada, só a força de vontade,” eles lembram. Era um esforço — e um sonho — que estava sendo realizado em família. O pai, Paulo, apesar de já estar com uma certa idade e sofrer com alguns problemas de saúde, também trabalhava na Caderode, para ajudar a realizar o projeto dos filhos, que eram um orgulho para ele. Ele estava sempre por perto.

Além de pagamentos modestos, os irmãos também sofreram ao cometer alguns erros no começo da empresa, algo normal para qualquer jovem empreendedor. Tiveram alguns problemas com vendas e cobranças, áreas em que, pouco a pouco, e a partir de cada experiência,

foram aprendendo e acertando.

Em muitos dias, não houve tempo para descansar no horário de almoço. Em vários, sequer havia horário para jantar. Algumas entregas de pedidos de cadeiras precisavam ser feitas mais tarde, estendendo-se até a meia noite, quando eles tinham que carregar as encomendas, exaustos. Após o fim da extensa jornada de trabalho, iam para casa, a pé, que ficava a três quilômetros de distância (a Caderode estava um pouco afastada do centro da cidade). Muitas vezes, acompanhavam os funcionários até as casas deles.

Um dos colaboradores que marcou esse período foi tio Osvaldo, que também era da família de Volnei e Valdezir. “Nós chegávamos muito tarde do trabalho, e o tio Osvaldo passava de manhã cedo na minha casa para irmos a pé para a empresa. Ele ficava fazendo um barulho lá fora para me acordar, porque eu estava sempre muito cansado. Então, a gente saía juntos, caminhando até a Caderode. No caminho, passávamos na mecânica de Osvaldo Branchini, onde tomávamos uma cuia de chimarrão antes de iniciar o trabalho. É algo marcante porque o tio Osvaldo, apesar de ser uma pessoa de idade, trabalhava com nós e não se importava de ir e voltar a pé, mesmo a empresa sendo longe,” conta Volnei.

Foi uma trajetória de extrema dedi-

cação. Às vezes, o cansaço falava mais forte e os irmãos, vendo outras empresas com “horário normal” de trabalho, de segunda a sexta-feira, se perguntavam: “Quando isso vai acontecer com a gente também?” Ainda demoraria algum tempo. Pelo menos 20 anos.

Todo o período em que passaram na fábrica rendeu a eles algumas histórias memoráveis, talvez uma das mais marcantes tenha sido a que envolveu um incêndio. Valdezir, na época com 33 anos, estava voltando de uma coleta e havia estacionado a caminhonete, quando viu sinais de fumaça saindo de uma casa de madeira, da mãe de uma das funcionárias, chamada Julvânia, do outro lado da rua. “Essa fumaça não é normal,” ele pensou. Chegando mais perto, viu que a residên-

cia estava pegando fogo. Valdezir chamou Julvânia, que se desesperou:

“O nenê está lá dentro do quarto, dormindo!”

“Eu vou pegar ele!”

O filho dela, de apenas dois anos, era cuidado pela avó, mas, naquele momento, ela havia saído. Para salvar o bebê, Valdezir tentou duas formas diferentes de entrar na casa. Todas estavam bloqueadas pelo fogo. Ele conseguiu entrar por uma janela de um dos quartos, enfrentou uma nuvem de fumaça e resgatou a criança. A casa desabou logo depois e virou cinzas. “Até hoje, tenho orgulho de ter mais um ‘filhinho’, o Vinicius. Fico emocionado com essa história, que foi até notícia de jornal,” conta Valdezir que, na matéria, é chamado de “herói”.

Criança é salva do interior de casa em chamas

Um incêndio ocorrido às 15h30min de quarta-feira, na residência do aposentado Adelar Susin, 62 anos, situada na rua General João Manuel, 1135, não teve proporções maiores graças à ajuda de populares. Com a casa em chamas, o empresário Valdezir Dondé, 33 anos, com auxílio de vizinhos conseguiu salvar o menino Vinícius Andreghetti, de apenas dois anos de idade, que estava dormindo no momento do sinistro. Sem muito tempo e alternativas, Dondé invadiu a casa entrando por uma janela do quarto onde Vinícius dormia. A peça estava tomada por fumaça. "Era a única parte da casa onde o fogo ainda não havia se alastrado", comentou o "herói", como foi chamado por vizinhos das vítimas.

O fogo destruiu a casa de alvenaria onde moravam, além de Adelar, a esposa Maurília, 60 anos e o filho Jocimir. A criança foi deixada com os avós enquanto a mãe Julvânia Susin Andreghetti trabalhava na empresa Caderode, de propriedade do Dondé.

O menino foi conduzido ao Hospital Saúde de Caxias do Sul, onde permanece internado na UTI com intoxicação, mas não corre risco de vida. Ele deverá continuar internado por mais uma semana, segundo o tio Jamir Susin. A esposa do aposentado também se



O incêndio destruiu totalmente a casa onde estava a criança.

encontra internada no Hospital Fátima de Caxias do Sul, com queimaduras de segundo grau no rosto e terceiro grau nos braços. Ela deve permanecer hospitalizada por mais 25 dias.

Maurília foi até a casa de uma vizinha buscar óleo para lubrificar a máquina de costura e, 25 minutos depois, ao retornar, a casa estava em chamas. Ela tentou entrar na residência para salvar o neto, mas ao abrir a porta da casa foi atacada pelo fogo.

A possível causa do incêndio ainda não foi esclarecida pelos soldados do Corpo de Bombeiros. Segundo o sargento Manoel Kenig da Silva, pelas circunstân-

Justiça: Eni Tonin será julgado hoje

O marceneiro Eni Tonin, que estrangulou sua esposa Rita Maria Pelizzari Tonin no dia 25 de fevereiro de 1996, será julgado hoje, a partir das 9h, na Câmara de Vereadores. Eni Tonin matou Rita após uma briga do casal no apartamento onde residiam, na rua João XXIII, 1651, Condomínio Di Fiori, no Morro dos Coqueiros, próximo ao cemitério. Após ter permanecido com o corpo dentro de casa por dois dias, Eni enterrou o cadáver da esposa num canteiro nos fundos do prédio. O crime foi descoberto pelos vizinhos que desconfiaram do forte cheiro proveniente do quintal.

Eni Tonin de 27 anos, está detido no presídio regional de Caxias do Sul, de onde sairá para o julgamento. O defensor público Joaquim Ziembovics será o advogado de defesa. Tonin foi enquadrado pela promotoria por homicídio qualificado por meio de asfixia em circunstância agravante contra cônjuge e ocultação de ca-

dáver. No depoimento prestado à polícia civil, Eni disse que era traído pela mulher que usava de maus tratos com o filho de seis anos. Conforme relato do homicida, a briga iniciou porque a esposa não gostou que ele tivesse deixado o filho na casa da mãe de Rita.



Foto/Arquivo

Eni Tonin

Rainha da Banda e Gatinha 1º de Maio
Dia 16 de agosto
No Salão Comunitário São José - Às 20h
Ingressos na secretaria da escola 1º de Maio (R\$3,00)
Promoção: CPM e Grêmio Estudantil 1º de Maio

Ofertas de deixar seu Pai com Água na Boca
Grande variedade de carnes com qualidade e bom preço.

Frango ao Kg	R\$ 1,35	Carvão	R\$ 1,80
Salsicha ao Kg	R\$ 2,40	Refr 2 litros	R\$ 0,80
Vinho garrafão	R\$ 3,00	Açúcar 5kg	R\$ 1,95
Pêssego lata	R\$ 1,39	Flor-de-Liz 5kg	R\$ 1,98
Tortas ao Kg	R\$ 7,80	Arroz Rozeto 5kg	R\$ 2,94
Cerveja Brahma	R\$ 0,85	Azeitona 500g	R\$ 2,85

Temos várias sugestões para presentear seu pai
MERCADO SCHIOCHET
Rua São José, 2120 - Fone: 292.2063

Chuva arruína campos e o esporte florense pára

A forte chuva que começou no último sábado e continuou até o final de domingo, deixou um rastro de destruição em várias comunidades do interior de nosso município e região. A localidade mais atingida foi a de São Cristóvão, onde o Estádio Tio Hugo foi parcialmente danificado. A força da água foi tão forte que o muro do alambrado do lado leste não suportou e acabou arrastado pela correnteza. Nem mesmo duas paredes ao fundo dos vestiários conseguiram conter a fúria das águas e foram arrancadas. Grande parte do material esportivo como bolas, redes e outros equipamentos foram levados pela água.



Alambrado não suportou a forte correnteza do rio Curuzú.

A diretoria do São Cristóvão se reuniu na última terça-feira para avaliar os prejuízos e buscar soluções para recuperar o estádio. Por causa da enxurrada do último final de semana, os jogos do campeonato municipal de veteranos e juniores foram suspensos. A Liga Florense de Bochas de

Areia também cancelou a última rodada da segunda fase do certame municipal. **ÚLTIMA RODADA VETERANOS** - A última rodada da segunda fase do certame - troféu Aifeu Santo Olíboni - será realizada amanhã no Estádio Municipal Homero Soldatelli. Às 13h jogam Bangu X

Corinthians e, às 15h30min, São Cristóvão X Cruzeiro realizam o primeiro clássico do ano na categoria. **JUNIORES** - O certame em homenagem a Marlon Sozo prossegue neste domingo com São Cristóvão X Ipiranga, Serna X Otávio Rocha e Rui Barbosa X Cruzeiro.

Dê uma folga para o bolso de seu Pai!
Neste sábado, dia 09 de agosto, convide seu Pai para saborear o Roda Pizza no Restaurant o Porão.

R\$ 6,95

RESTAURANTE PIZZARIA **o Porão**
Rua Dr. Monatury, 767

BELLA SALUTE
Farmácia de Manipulação

AGORA A DISTÂNCIA ENTRE VOCÊ E A FARMÁCIA DE MANIPULAÇÃO FICOU MAIS CURTA:

Rua John Kennedy, 2430, sala 12 - Flores da Cunha - RS
Na Galeria do Clube Independente.

Volnei, que também vivenciou histórias memoráveis com a Caderode, lembra-se de uma viagem em que precisou dormir embaixo de um caminhão. A marca fornecia para vários clientes e, certo dia, ele foi até o Rio de Janeiro com um funcionário da Caderode, acompanhando o motorista do caminhão para fazer uma entrega e montagem de produtos. Eles haviam vendido um pedido para o Bingo Arpoador, no Rio. Na hora de dormir, o motorista e o funcionário ocuparam a cabine do caminhão e não sobrou espaço para ele. Volnei colocou uma rede embaixo do veículo e dormiu lá mesmo.

Não foi a única vez que trabalhar para os bingos rendeu uma boa história. Em outro momento, a Caderode começou a reformar cadeiras dos bingos de Porto Alegre. Os irmãos tinham que ir até os estabelecimentos e buscar as cadeiras usadas para levar até a empresa e reformá-las. As cadeiras chegavam com as bases quebradas e os tecidos sujos, na época em que era permitido fumar dentro dos estabelecimentos.

Durante várias sextas-feiras no vespertino, eles fizeram o trajeto Flores à Capital, de caminhão, para substituir as cadeiras velhas por novas. Chegavam em Porto Alegre às 23h, cansados. Certa noite, decidiram descansar em cima das cadeiras mesmo, que estavam embaladas em

caixas de papelão. Com medo de serem assaltados na Rua da Praia, centro da Capital, amarraram uma corda em cada uma das suas pernas e uma na porta do caminhão. Então, se alguém puxasse a corda do veículo, eles acordariam. Descansaram até a madrugada, quando o bingo foi liberado para que eles fizessem a troca das peças. Eles voltavam a Flores da Cunha apenas às 8h da manhã do sábado. Ou seja, passavam praticamente 24 horas trabalhando sem parar. "Hoje se passa um filme na minha cabeça. Olha quanta coisa a gente faz para chegar naquilo que a gente se tornou... Contar uma história dessas é gratificante, porque mostra todo o trabalho, empenho e dedicação, não só meus, mas dos meus sócios e da nossa equipe. E mostra que, mesmo que a gente tenha passado por esses perrengues, crescemos e evoluímos," reconhece Volnei.

No início dos anos 1990, assim como a Caderode, outras empresas com grande potencial estavam surgindo em Flores. Por isso, foi fundado o Centro Empresarial de Flores da Cunha (CEFC), que organizava articulações a favor da comunidade empresarial. Vanderlei chegou a ser presidente do CEFC por quatro anos e, tanto Valdezir quanto Volnei se envolveram com a instituição de alguma forma. Anos mais tarde, os filhos deles, Mariana e Paulo, também.

Em 1997, a Caderode instalou-se em

Página do Jornal O Florense do dia em que Valdezir salvou o filho de uma funcionária de um incêndio.

um novo endereço, próximo ao anterior, para combinar com o tamanho de sua expansão. Mudou-se para um espaço de 350m², perto do Estádio Homero Soldatelli (local que havia sido construído apenas dois anos antes). A capacidade de produção da empresa aumentou ainda mais. Além disso, no novo prédio, conseguia-se produzir as estruturas metálicas para as cadeiras e os seus estofados.

Os negócios iam muito bem, mas, mesmo assim, os empreendedores entenderam que focar apenas em cadeiras poderia limitar o crescimento da Caderode. Por isso, decidiram incorporar também a produção e venda de móveis para escritório. Era 1998, ano em que foi inaugurado o famoso Monumento ao Galo, no Parque da Vindima, em Flores da Cunha, quando a Caderode adquiriu um outro negócio: a Metalmóbile. Foi um grande passo, que deu a ela a capacidade de incluir a produção de móveis em seu portfólio e de iniciar também uma nova linha de cadeiras de escritório. Até então, algumas estruturas das cadeiras, como as bases giratórias, eram compradas de uma metalúrgica. Quando a Caderode comprou a Metalmóbile, passou a produzir isso internamente.

Adquirir uma outra empresa exigiu mais valentia do que juízo, dizem os irmãos: "Em sã consciência, se tivéssemos realmente parado para pensar bem, nós

não teríamos bala na agulha para fazer isso. Nós não teríamos crédito, por ser de famílias humildes, com poucos recursos. Mas tínhamos um conhecido e amigo que era um dos sócios da Metalmóbile e ele acabou nos impulsionando. A gente foi na coragem," conta Valdezir.

Por causa do rápido crescimento, após a aquisição, a produção estava sendo feita em vários locais diferentes: no espaço onde já existia a Caderode e onde era a Metalmóbile, que, além da sua fábrica, tinha dois galpões extras para a produção de móveis. Paralelamente, a Caderode também já ocupava mais um pavilhão, onde fazia as estruturas de madeira das cadeiras de palhinha. Além disso, os bordados das cadeiras eram feitos por funcionárias que trabalhavam nas suas casas. Um dos irmãos tinha que entregar os materiais para elas e, depois, buscar as cadeiras na caminhonete rural. Volnei conta: "Nós estávamos espalhados. O Valdezir pegava a caminhonete, ia para Caxias do Sul buscar os tubos e outros insumos e voltava. Ia na fábrica das cadeiras de palhinhas para buscá-las. Quando elas estavam feitas, cortadas, usinadas e furadas, pegava os carretéis de linha e ia até as casas das famílias das funcionárias distribuindo as cadeiras. Era toda uma logística."

Chegou um momento em que os irmãos perceberam que não conseguiriam

seguir essa rotina de produção, que estava espalhada em tantos pontos diferentes. Foi aí que eles tiveram que tomar uma grande e ousada decisão. E ela chegou junto a um novo período do mundo também: os anos 2000.

No começo do novo milênio, vários eventos importantes ocorreram em diferentes áreas. No início do ano, muitos estavam preocupados com o chamado "Bug do Milênio", um problema grave previsto para os sistemas de computador, que poderiam falhar quando as datas mudassem de 1999 para 2000. No entanto, o impacto foi muito menor do que o esperado e, praticamente, nada aconteceu. Inclusive, o ano 2000 marcou uma explosão do uso da internet. Todos queriam estar online.

Nos Estados Unidos, a eleição presidencial entre George W. Bush e Al Gore foi extremamente disputada, declarando Bush o vencedor. Na Rússia, Vladimir Putin se tornou oficialmente presidente. Nos esportes, foi o ano das marcantes Olimpíadas de Sydney, na Austrália.

Já no Brasil, o ano 2000 marcou o segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso que, pouco tempo depois, passaria o cargo de Presidente da República a Luiz Inácio Lula da Silva. O Plano Real havia estabilizado a economia brasileira, mas havia muitos desafios econômicos e sociais, como a redução da pobreza e do desemprego.

Enquanto os brasileiros acompanharam o crescimento da música pop internacional, com artistas como Britney Spears e NSYNC, eles também viveram o período da ascensão do pagode, axé e da música sertaneja, além dos movimentos populares como o funk carioca. Era uma mistura total de estilos, o que muito combinava com o Brasil que, naquele ano, completava a marca de 500 anos da chegada dos portugueses ao país.

Em Flores da Cunha, no ano 2000, algumas mudanças seguiram levando a cidade a um patamar mais desenvolvido. Naquele começo de milênio, foi inaugurada a Subestação de Energia Elétrica e, no mesmo ano, a cidade recebeu a Usina de Asfalto, que permitiria a pavimentação asfáltica de diversas estradas do interior. O progresso batia à porta.

Para a Caderode, uma robusta decisão tomada pelos seus diretores foi essencial para que ela se organizasse para os próximos passos, que seriam grandes. A empresa transferiu-se para a Estrada VRS-314, um pouco mais afastada do centro de Flores, mas para um prédio muito maior, inicialmente de 1.400m², que contemplaria todos os setores. A empresa estava agora em um ambiente único, o que facilitou muito o trabalho de todos. E a decisão foi acertada, pois até hoje, ano em que a Caderode completa três décadas, o endereço

ço é o mesmo. Além disso, em 2000, foram abertas duas lojas Caderode, uma em São Luiz/MA e outra em Vitória/ES.

Assim como quase todas as crianças do interior do RS, Valdezir e Volnei, na infância, foram criados com o idioma italiano misturado com o dialeto, o talian, em casa. Eles não faziam ideia disso, mas este conhecimento seria muito útil em 2002, quando surgiu uma oportunidade de viagem de negócios para a Itália.

A "Missão Itália", viagem que foi organizada por um representante de máquinas italianas, parceiro da Caderode, contou com a presença de Volnei naquele ano. Ele partiu para Milão, na primeira viagem internacional da vida dele, em busca de novas tecnologias e inspirações. Participou do *Salone del Mobile Milano* e depois seguiu para Pesaro, onde visitou uma fabricante de máquinas de tecnologia para madeira e empresas locais que utilizavam a tecnologia. Volnei se encantou com aquela modernidade. Era como se aquelas empresas estivessem muitos anos à frente. E ele sabia que aquilo poderia ser a realidade da Caderode, em Flores, também.

Após essa imersão nas tecnologias italianas, que permitiriam automatizar muito mais a fábrica, a Caderode adquiriu seu primeiro centro de usinagem. As máquinas italianas chegaram em 2004, substituindo muitas etapas que antes ainda precisavam

ser feitas manualmente. Com a mudança, os processos podiam acontecer através de programação em computador. "Foi uma evolução dentro do nosso segmento, algo que me marcou muito," diz Volnei. Valdezir também participou da Feira nos anos seguintes e, a cada ano, novas ideias foram sendo germinadas a partir dessas viagens. Mesmo com grande parte dos processos manuais se transformando em automatizados, a Caderode continuou mantendo a preocupação com a qualidade do trabalho. Além disso, nunca esqueceu das suas origens. "Hoje existe tecnologia para tudo e para todos, mas nós nascemos numa geração onde tinha a parte do artesão. Então, se hoje eu valorizo cada detalhe, é porque, no passado, eu tive que fazer de forma manual. Esse processo de cuidar, de ter o carinho pelas peças, remete ao início da empresa, onde se fazia manualmente. Aquilo fez com que a gente tivesse um carinho maior pelas peças, por aquilo que a gente faz," explica Valdezir.



Nova tecnologia italiana chegando na Caderode após visita no país.

A cada ano, o espaço adquirido pela Caderode naquele endereço da Estrada VRS-314 aumentava para dar conta da produção. Em 2004, quando a empresa completou 10 anos dedicada a móveis de qualidade, a área já era de 6 mil m² e o número de colaboradores chegava a 95.

Neste mesmo período, a Caderode passou a exportar para África do Sul e Cuba. A marca, ao longo dos anos, se espalhou também por outras partes do mundo: Chile, Moçambique, Angola, Bolívia, Paraguai e Uruguai. Caderode pelo mundo! Enquanto crescia fora do Brasil, ela também se espalhava pelo país, com seus produtos

aparecendo em lojas exclusivas (franquias) e multimarcas.

Em 2004, a Caderode lançou o primeiro projeto assinado por um designer, João Bosco, de Minas Gerais, que desenvolveu o mobiliário Linha 3000 de lâmina de madeira e pés em alumínio. "Ele nos posicionou do vinho de garrafão ao vinho de garrafa," costumam dizer os irmãos. O trabalho de Bosco colocou a Caderode em um patamar mais alto diante dos seus concorrentes. E o designer foi buscado pela marca justamente para isso, para inovar.

Dois anos depois, a Caderode inaugurou uma loja em Lajeado/RS e outra em

Palmas/TO. A primeira loja própria da marca, em Flores da Cunha, surgiu em 2008. Era uma loja piloto, que vendia todos os produtos. Mais tarde, essa loja mudou-se para Caxias do Sul, onde estava o seu principal mercado da região. E, tempos depois, voltou a Flores. Ela seria a primeira de muitas lojas exclusivas.

Dois anos depois, o espaço físico da empresa já era de 8 mil m², e a Caderode somava 145 colaboradores. Com este crescimento, a empresa iniciou a profissio-

nalização dos departamentos, dividindo-se por setores administrativo, financeiro, compras, comercial e engenharia. A área fabril foi separada em metalurgia, estofaria e mobiliário. Até então, os processos não eram tão organizados e “todos faziam um pouco de tudo”, como eles dizem. Porém, com a empresa desenvolvida como estava, não era mais possível continuar nesse estilo de trabalho. Foi uma mudança necessária.



Fotos: fachada da Caderode em 2008.



Nos anos seguintes, a Caderode ganhou lojas nas cidades de Novo Hamburgo/RS, Recife/PE, Rio de Janeiro/RJ e Bauru/SP.

Em 2012, a Caderode deu outro grande salto após uma nova viagem. Dessa vez, para São Paulo, onde a marca participou como expositora da *Feira Office Solution*, grande evento da área corporativa. Foi

a primeira vez que a Caderode apareceu em uma mostra nacional tão significativa, aumentando muito a sua visibilidade como marca.

Neste mesmo ano, foi lançada a linha MCI, Mobiliário Corporativo Inteligente.



Fotos: mobiliário corporativo Inteligente lançado pela Caderode em 2012.



Nessa época, a Caderode estava atuando fortemente na área de licitações para Administração Pública, atividade que havia iniciado há alguns anos. A empresa participava de licitações para ter seus produtos em órgãos públicos de todo o Brasil.

Em 2014, dois anos depois da Office Solution, o modelo de lojas exclusivas da Caderode, as franquias, consolidou-se e começou a expandir. A marca mudou seu slogan de Mobiliário Corporativo Inteligente para Conforto para Inquietos, com o objetivo de se aproximar mais do profissional contemporâneo. Neste ano, foi inaugurada uma loja em Joinville/SC, e, no seguinte, uma em Campo Grande/MS.

Enquanto crescia, a empresa também começou a atuar na minimização do seu impacto no meio ambiente. Em 2015, a Caderode conquistou a certificação FSC®. Possuir um selo FSC no produto demons-

tra que a floresta da qual ele é oriundo está sendo explorada de acordo com todas as leis vigentes e de forma correta, do ponto de vista ecológico, social e econômico. A peça, com isso, também ganha diferencial e valor. O certificado foi um marco à Caderode, consolidando o trabalho de consciência ambiental da empresa, que se preocupa com a origem da matéria-prima, assim como a destinação dos resíduos gerados na empresa e o aproveitamento das sobras de materiais.

Tratava-se de um certificado exigido pelo governo, mas, para a Caderode, foi muito mais do que isso. A preocupação com a sustentabilidade sempre esteve presente na empresa, que destaca-se, até hoje, pela conscientização ambiental. Os materiais escolhidos para os produtos, mesmo que mais caros, sempre têm apelo ecológico.



Certificação FSC®

Para seguir com a ampliação do mix de produtos, em 2017, a empresa adquiriu mais um pavilhão naquele espaço e passou a contar com a linha de Divisórias Piso-Teto. A novidade trouxe incremento de 15% no seu faturamento anual, e consolidou, ainda mais, o plano da Caderode de ser uma empresa mais completa ao cliente.

Ela passou a ser referência em cadeiras, móveis e também em divisórias, após adquirir um projeto do designer italiano Lorenzo Negrello. Ele assinou uma nova linha, a DPT 100. A empresa buscou as tecnologias e ferramentas para desenvolver a criação de Negrello, e a linha se desenvolveu e internacionalizou.

Aproveitando este bom momento, no ano seguinte, a Caderode inaugurou lojas em Natal/RN, Cuiabá/MT, Fortaleza/CE e Paraguai.

Em 2019, o mundo passava por grandes transformações. Foi um ano de fortes

protestos mundiais, do pedido de impeachment do presidente norte-americano Donald Trump, da evolução da Inteligência Artificial (IA), de incêndios na Austrália e Amazônia e da Greve pelo Clima de Greta Thunberg, ativista sueca de apenas 16 anos.

Neste ano, foi divulgada a primeira imagem já capturada de um buraco negro, localizada na galáxia M87, um marco histórico para a astronomia. Enquanto isso, na televisão, Game of Thrones, série de sucesso da HBO, exibiu sua última temporada dividindo opiniões.

No Brasil, Jair Bolsonaro assumiu a Presidência da República, a Reforma da Previdência foi aprovada pelo Congresso Nacional, e o time de futebol Flamengo viveu um ano histórico, vencendo a Copa Libertadores da América em uma final emocionante contra o River Plate.

Na Caderode, também estavam acontecendo mudanças. Grandes mudanças... Após 26 anos de sociedade, Vanderlei, irmão de Volnei e Valdezir, decidiu deixar a Caderode para focar em outra atividade. Foi o fim de uma era para a empresa, que tinha tido os três juntos desde a sua fundação. Os dois irmãos seguiram na diretoria, como diretor-presidente e diretor industrial, respectivamente.

Pensando na verticalização da produção, investiram pesado no parque fabril. Adquiriram novas máquinas, como laser de chapa, dobradeira de tubo, dobradeira de chapas e cabine de pintura exclusiva para itens coloridos.

Neste mesmo ano, 2019, a Caderode abriu lojas em São Paulo/SP, Belo Horizonte/MG e Goiânia/GO. O faturamento da empresa havia fechado em mais de R\$83 milhões. O ritmo era intenso na Caderode, porém, um acontecimento completamente inesperado, obrigou que todos desacelerassem. Em março de 2020, quando a Caderode estava a pleno vapor, talvez em sua melhor fase até então, foi declarada uma pandemia mundial. Os negócios foram obrigados a fechar as portas e todos foram aconselhados a ficar em suas casas. Esperar. Era isso o que toda a população mundial precisava fazer, enquanto assistia de casa as assustadoras notícias causadas pelo vírus da Covid-19.

Todas as empresas enfrentaram seus próprios desafios durante esse período. A batalha da Caderode foi em relação às licitações. Naquele ano, metade do faturamento da marca vinha das vendas nas lojas e a outra metade das licitações dos órgãos públicos. Com a pandemia, o governo foi obrigado a parar todos os pedidos de compras, para que 100% da verba fosse destinada à área que mais necessitava, a saúde. Em apenas dois meses, a Caderode viu 50% do seu faturamento congelar. E não havia sequer previsão de volta. Afinal, ninguém sabia o que iria acontecer e quanto tempo aquela situação desesperadora duraria.

Em Flores da Cunha, assim como no restante do mundo, tudo parou. De 14 de fevereiro a 1 de março daquele ano havia sido realizada a 14ª Festa Nacional da Vinhedo, marcando o último evento antes da pandemia, quando ninguém imaginava o que estava por vir. Apenas 20 dias depois, a Prefeitura da cidade publicou o Decreto nº 5.828, que estabeleceu situação de calamidade pública e medidas de enfrentamento da pandemia da Covid-19. Dia 30 de março, foi instaurado o Comitê de Crise para enfrentamento do Coronavírus. Foi apenas em 19 de janeiro de 2021, quase um ano depois do começo do caos, que as primeiras vacinas contra a Covid-19 começaram a ser aplicadas em Flores da Cunha,

trazendo um pouco mais de senso de normalidade à população. Mesmo assim, os anos de 2021 e 2022 ainda foram tomados de restrições.

Já que a pandemia havia afetado metade do faturamento da Caderode, a empresa se obrigou a agir rapidamente. Foi uma virada de chave para a marca, que implantou naquele momento algumas mudanças que definiriam o sucesso e crescimento dos próximos anos.

A fim de entregar uma solução mais completa ao consumidor final, a Caderode implantou um novo modelo de negócios, o Hub de Soluções. Firmou parcerias com outras empresas do ramo, e as lojas da marca conseguiram suprir tudo o que estivesse relacionado a um projeto corporativo. Foram feitos investimentos na nacionalização de componentes, que antes eram importados, além da criação de um setor dedicado para projetos customizados. Em 2020, percebeu-se que era preciso ter tudo dentro da empresa

Tudo isso aconteceu para suprir aquele faturamento que antes vinha do governo. A Caderode reavaliou a sua relação com as lojas, decidiu incorporar mais produtos, criou novas parcerias homologadas para começar a fornecer também produtos da área dos estofados (para as recepções dos ambientes) e incorporou novos parceiros para as linhas de divisórias, carpetes, ilumi-

nações e áreas externas. Além do mix de produtos, o processo também foi reavaliado para garantir uma entrega mais completa e rápida.

Valdezir e Volnei conviveram com meses de muita insegurança e medo, especialmente de perder alguém da família ou da empresa por causa da Covid-19, mas, felizmente, isso não ocorreu. Dentro da empresa, a questão da velocidade da entrega foi uma das preocupações que mais causou ansiedade aos diretores da Caderode. A marca, tão conhecida por ter uma entrega pontual, teve dificuldades em contar com terceiros para manter essa agilidade durante a pandemia.

A empresa decidiu fazer grandes investimentos, especialmente na área de tecnologia e metalurgia, para que todos esses processos, que eram feitos por outros profissionais, agora passassem a ser internos.

Também houve dificuldades de adquirir alguns itens importados, de países como China, Taiwan e Itália, os três fortemente impactados pela Covid. Fretes que antes custavam \$1 mil, chegavam a custar \$14 mil. Então, buscou-se também nacionalizar produtos que eram feitos na Ásia e Europa, para que a produção da Caderode não parasse por causa disso.

O período da pandemia, para a Caderode, foi uma revolução. Tudo o que foi feito em 2020 para que a empresa seguisse

firme foi crucial para garantir uma produção mais rápida. Foi como se aquela crise tivesse obrigado a empresa a antecipar alguns investimentos, que, eventualmente, seriam feitos. “Nós não recuamos, nós vimos a oportunidade e investimos,” contam os irmãos.

No ano pós-pandemia, a Caderode inaugurou um showroom modelo em sua cidade natal, Flores da Cunha, para apresentar seu reposicionamento. O Hub de Soluções foi o destaque da loja.

Em 2021, a empresa já estava com 30 lojas próprias, exclusivamente Caderode, no Brasil e América do Sul. O faturamento já vinha 90% diretamente dos pontos de venda. Agora que as lojas ganharam mais destaque, a proposta era que todas elas seguissem o mesmo layout da loja modelo em Flores, para padronização da mar-

ca. Aos poucos, todos os espaços foram sendo repaginados, o que deu a eles ainda mais visibilidade.

O parque fabril da Caderode, naquele ano, já ocupava 15 mil m² e a marca empregava 170 pessoas diretamente. Os investimentos continuavam, agora com ênfase no setor de estofados.

Novas lojas seguiram sendo inauguradas. Aracaju/SE, Flores da Cunha/RS, Florianópolis/SC, Porto Alegre/RS, Criciúma/SC e Uruguai foram as novidades de 2021.

A marca decidiu inovar mais uma vez e, no ano seguinte, lançou a Linha de Colaborativo batizada de STIM, assinada pelo designer Emerson Borges. Nela, os módulos coloridos e confortáveis se conectam, gerando diferentes funcionalidades e criando espaços que permitem a adaptação ao momento e a necessidade dos escritórios.



Fotos: linha de colaborativo STIM, assinada pelo designer Emerson Borges.



Pensando em um projeto de expansão, a Caderode inaugurou mais lojas em 2022: Brasília/DF, Dourados/MS e Rio Verde/GO. Logo em seguida, surgiram lojas em Uberlândia/MG, Chapecó/SC e Campinas/SP.

Além disso, neste período, houve a ampliação do setor de Divisórias Piso-Teto, incrementando a capacidade produtiva da Caderode em 50%.

Definitivamente, a pandemia não atrasou a empresa, pelo contrário. Aquele desafio deu a eles um impulso para voar alto nessa nova fase. A Caderode realmente se reinventou. Se antes da Covid-19, o faturamento estava 50% nas licitações e 50% nas lojas, em 2023, os números mudaram

para 3% para licitações e 97% para lojas. Neste ano, a marca abriu uma loja na Bolívia.

Foi um trabalho intenso para chegar a esses números, mas a busca por melhorias é contínua. Volnei explica: "Nós seguimos evoluindo todos os dias, somos eternos aprendizes em tudo o que fazemos. Hoje já temos uma certa maturidade, já passamos por tanta coisa. Então, não se fala mais em qualidade. Quando levo alguém na fábrica, não é necessário ficar escolhendo quais peças mostrar. O visitante pode pegar qualquer uma, pois todas estão perfeitas. Esse é um conceito que colocamos em prática todos os dias, o fazer bem-feito."



Showroom em Fortaleza, CE.



Rio de Janeiro, RJ.



Campo Grande, MS.



Vitória, ES.



Recife, PE.



Flores da Cunha, RS. Nas próximas imagens, registros dos ambientes internos.
Créditos: Cesar Paludo.



Em 2023, a Caderode firmou parceria para produção do front das concessionárias de automóveis. O front trata-se da parte interna desses locais, recepções, áreas de descompressão, etc. A empresa ingressou em marcas representativas de automóveis como Triumph, New Holland, Fendt, GWM, BYD, BMW, Jeep, Toyota, Chevrolet, Lexus, Hyundai, Omoda e Neta Auto.

A identidade da Caderode também foi inserida em todos os espaços de duas grandes cooperativas de crédito: Sicredi (Sistema de Crédito Cooperativo) e Sicoob (Sistema de Cooperativas Financeiras do Brasil). Para essas instituições, a marca fornece mobiliários de escritório customizados, mas que vão além, com produtos personalizados para elas. Além disso, a franquia Tudo em Grãos, de nutrição natural, também se tornou homologada Caderode.

Neste mesmo período, foi realizado o lançamento da Linha Ateliê, voltada às poltronas artesanais que complementam o escritório.

Além disso, o setor de customizados da empresa evoluiu após a integração com o serviço do software Promob, para execução de projetos personalizados.

*Nas páginas seguintes:
Mobiliário Caderode nas
unidades da cooperativa
de crédito Sicredi.
Créditos: Arquivo
Caderode.*







Tudo em Grãos, marca de nutrição natural, também se tornou homologada Caderode.
Créditos: Arquivo Caderode.





Tudo em Grãos, com mobiliário Caderode.

Apenas quatro anos após a pandemia, o Brasil viveu mais uma tragédia, dessa vez, ambiental. Em abril e maio de 2024, o Rio Grande do Sul foi tomado pelas águas da maior enchente da história, causando mortes e incalculáveis perdas econômicas aos gaúchos. A Caderode, cuja sede, em Flores da Cunha, não foi afetada, tratou de se juntar aos grupos de esforços para apoiar as famílias necessitadas.

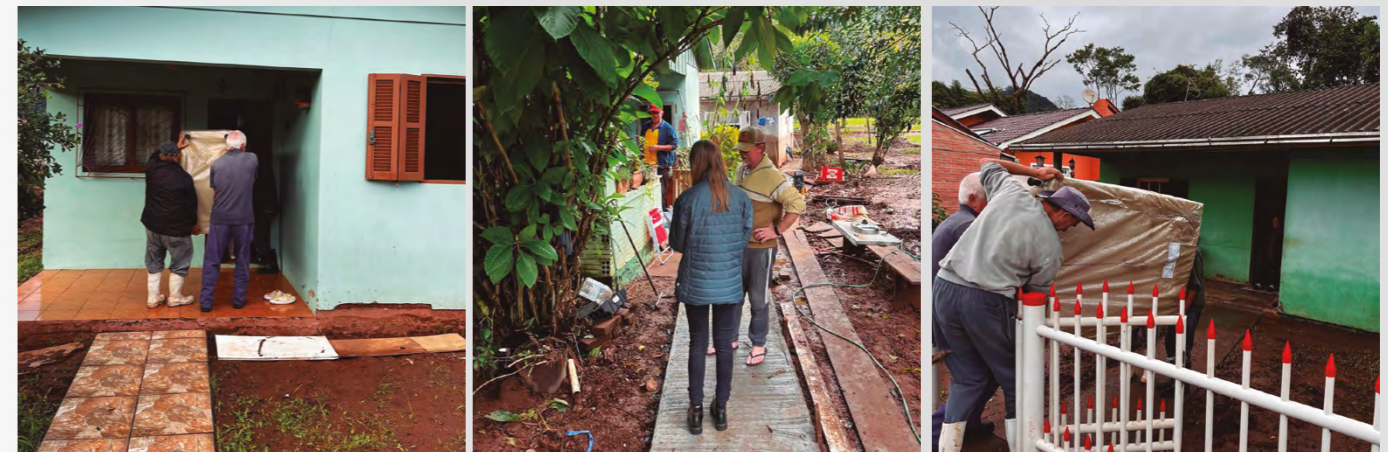
Os diretores da empresa, em parceria com alguns amigos, organizaram uma ação na Caderode durante um sábado. Eles chamaram os funcionários para colaborar na produção de balcões e armários para 20 casas de famílias afetadas pelas chuvas. Paralelamente, algumas lojas da Caderode de outros Estados do Brasil

mandaram suas doações ao Rio Grande do Sul. A fábrica também serviu de ponto de triagem para doações que chegavam em Flores da Cunha e precisavam ser destinadas em caminhões menores aos municípios afetados. Além disso, a Caderode doou novas cadeiras para as delegacias de polícia de Lajeado.

As atuações sociais sempre fizeram parte da cultura da Caderode, não só em momentos de crise como em 2024. A empresa considera que tem essa função importante na comunidade onde está inserida. Doações para entidades de Flores são parte da rotina da empresa o ano todo, tanto que a Caderode é reconhecida por ser uma empresa presente em diversas ações sociais.



Durante a enchente de maio de 2024, a Caderode organizou esforços para doações.



Foram produzidos armários para 20 casas.

Com o otimismo em alta, a Caderode Mobiliário para Inquietos comemorou, em 2024, suas três décadas de história, após ter encerrado o ano anterior com crescimento de 29% em relação a 2022. Foram abertas 28 lojas no Brasil, além de 4 em países da América Latina e Central (Honduras, Paraguai, Uruguai e Bolívia), com a geração de 200 empregos diretos e 300 indiretos na fábrica de 16 mil m².

A empresa, que começou num porão de família, produzindo cadeiras de palhinha, já passou da impressionante marca de 600 mil cadeiras vendidas para 27 mil clientes, além de possuir um portfólio com 4 mil produtos ativos, sejam de linha, especiais ou customizados.

No ano da comemoração, foi aberta uma nova loja em Londrina/PR e reinaugurados três espaços: Bauru/SP, Rio de Janeiro/RJ e Campo Grande/MS. A empresa segue mapeando a viabilidade de abrir mais pontos dentro e fora do Brasil.

A Caderode também está trabalhando intensamente em algumas verticalizações para adquirir mais velocidade na produção dos móveis, sem esquecer do que sempre foi primordial à empresa, a qualidade.

O ritmo segue intenso: o crescimento projetado para 2024 é de 20%, para alcançar faturamento recorde na empresa.

Atendendo às demandas do mercado, a Caderode lançou uma série de novida-

des ao longo do ano. A icônica cadeira Way foi disponibilizada na cor *off-white* e uma nova poltrona da Linha Ateliê foi apresentada. Essa linha representou uma expansão significativa no portfólio de produtos da Caderode, incluindo uma variedade de poltronas decorativas, que tornam os ambientes de trabalho visualmente atraentes e confortáveis.

Além disso, foram apresentadas outras novidades: Linha Atmos (de planejados corporativos), Cabine Vall (de cabines privadas) e mais duas cadeiras, Érin e Mott.

A marca fornece mobiliários de escritório customizados, mas que vão além, com produtos personalizados para elas. Além disso, a franquia Tudo em Grãos, de nutrição natural, também se tornou homologada Caderode.



Fachada nova da empresa.





Visão da aérea do parque fabril da Caderode, de 16 mil m² (no destaque).

Como aconteceu durante toda a história da Caderode, o parque fabril está passando por modernização e renovação de espaços. Além disso, a empresa segue investindo continuamente em novas máquinas e tecnologias e criando outras linhas de produtos.

A proposta continua sendo atender todas as expectativas do cliente, que tem acesso a um portfólio completo, sem precisar migrar de uma loja para outra para comprar itens diferentes. Além de prezar por essa variedade nos seus produtos, a Caderode também trabalha com uma arquitetura mais divertida, tendência que surgiu ainda na época da pandemia, quando a marca decidiu incluir opções mais alegres para os novos espaços de trabalho.

E falando em alegria, a paixão do brasileiro, o futebol, também está marcada pela identidade da Caderode. Esse envolvi-

to com os clubes esportivos começou por volta do ano 2012. Havia um carteiro em Flores da Cunha, chamado Sílvio Gasparin (*in memoriam*), conhecido como Chatinho. Apesar do apelido, ele tinha vários amigos, entre eles, os irmãos Dondé. Chatinho sugeriu a eles que colocassem as cadeiras da Caderode na casamata (o espaço do banco de reservas) do Esporte Clube Juventude, de Caxias. Ali foi a primeira inserção da marca em um clube de futebol.

Depois, as cadeiras foram instaladas nos estádios dos times do Grêmio, Internacional, SER Caxias, Sport Recife, Caxias Basquete, Cruzeiro, Palmeiras, Goiás Esporte Clube, Veranópolis, Atlético Mineiro, Avaí, Figueirense, ACBF Carlos Barbosa, Esporte Clube Novo Hamburgo, Hercílio Luz Futebol Clube, Homero Soldatelli e Club Libertad - Paraguai.



Cadeiras da marca no estádio do Grêmio.



Cadeiras da marca no estádio do Inter.

Valdezir e Volnei seguem firmes na liderança da empresa. Com o passar dos anos, eles deixaram de trabalhar diretamente na produção e passaram a focar nas questões de gestão e crescimento da empresa. Mas, como eles experienciaram todos os setores, conhecem os processos da Caderode melhor do que ninguém. "Temos um conhecimento muito vasto. Eu sempre digo: quem colocou o primeiro tijolo na construção, sabe fazer aquela obra," explica Volnei. Para Valdezir, se fosse possível resumir em apenas três palavras o que eles passaram nessa trajetória com a Caderode até aqui, elas seriam: "Confiança, trabalho e dedicação."

A persistência foi essencial para chegar a este marco de três décadas, conquista tão rara entre as empresas que, em sua

maioria, fecham as portas antes dos primeiros 10 anos. Foram muitos momentos desafiadores, mas Valdezir e Volnei mantiveram o foco. Seguiram os investimentos na Caderode, sempre com planos grandes para os próximos passos. Inquietos, como seu slogan, pois eles, realmente, nunca estão parados. A busca por novidades na empresa é constante, e os diretores não medem recursos em novas tecnologias para alcançar isso. Não só eles, mas toda a equipe, está sempre buscando fazer "algo a mais".

Os dois são exemplos para as novas gerações da família que já estão na empresa: a filha de Volnei, Mariana, no setor de marketing, e o filho de Valdezir, Paulo, no setor de qualidade e pós-vendas



Família de Valdezir.



Família de Volnei.

Os sucessores estão sendo preparados para assumir o lugar dos pais, quando a hora chegar. Afinal, o plano é que a empresa tenha vida longa. E está nas mãos da juventude dar continuidade ao sucesso sedimentado pelos fundadores. O sonho deles é ver a Caderode como uma das principais empresas do ramo no Brasil, performando bem no mercado, com números sólidos, crescimento constante e parcerias fortes. Valdezir explica: "Para o futuro, já temos duas lanternas na empresa, que estão bem acesas, que são nossos filhos. Eles vão ser o nosso carro-chefe e nós, por algum tempo, ainda vamos ser o volante deles. Eu estou muito feliz com esses 30 anos de história, com tudo o que passamos. Acreditamos em um sonho em família e ele virou realidade. Nos orgulhamos muito de tudo que construímos e acreditamos em um futuro com ainda mais crescimento."

Os dois concordam que, para chegar até aqui, foi necessário contar com o comprometimento e esforço de muitos profissionais: funcionários da Caderode (alguns

que estão há décadas na fábrica), lojistas, arquitetos, parceiros... A família deles, especialmente, sempre esteve presente dando o suporte necessário, na empresa e em casa.

O segredo da sociedade que dura tantos anos não é tão secreto assim, eles dizem: respeito mútuo. Os irmãos sabem que cada um tem sua personalidade e, durante essas três décadas, sempre respeitaram o espaço e as opiniões do outro. Eles são, antes de tudo, família.

Valdezir e Volnei orgulham-se de terem estado presentes desde a fundação desse sonho, que hoje está dando tantos frutos. Os dois sabem que, para olhar para o futuro, é preciso valorizar o passado. Tudo o que aconteceu foi essencial para que eles chegassem até aqui. A história repercute em todas as gerações. Assim como a dos pais, Paulo e Therezinha, repercutiu neles, a história deles está repercutindo nos filhos Mariana e Paulo, e assim, sucessivamente.

É um ciclo de família, trabalho, empenho e crescimento. Que tem tudo para continuar dando certo.

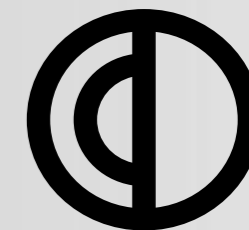


Valdezir e Volnei: prontos para o futuro.

Lojas da Caderode



Lojas da Caderode distribuídas pelo Brasil e em países da Américas do Sul e Central.



Depoi_
mentos

Nas próximas páginas, alguns personagens importantes da história dos 30 anos da Caderode deixarão seus breves relatos sobre a trajetória da marca.

Para assistir aos vídeos da web series comemorativa ao aniversário da empresa, escaneie o QR code a seguir:





Eu tive um problema sério de coluna em 2012, e a Caderode se envolveu nisso. Não precisava, mas eles se envolveram. A empresa me forneceu, gratuitamente, uma cadeira especial para que eu pudesse sentar e trabalhar no dia a dia. Foi uma situação bem emocionante. Porque a gente não espera isso de um cliente. Foi algo bem marcante para mim, e, até hoje, eu não esqueço. Sou muito grato às pessoas que fizeram isso, o Bobi, o Chico e o Vanderlei.

A Caderode teve uma evolução muito grande, sempre foi muito pé no chão. São pessoas que têm um conhecimento vasto do produto que fazem, que não visam a crescer sobre os outros e sim, crescer por si próprias. Vários produtos vêm tecnologicamente evoluindo a cada ano. Sabemos que muitas indústrias copiam-se e acabam criando as mesmas coisas. A Caderode não, ela é uma empresa que, em dez anos, mudou muito, com seus próprios pés, com sua própria tecnologia.

A gente vê a evolução tecnológica na cadeira que faz mil e uma funções, na mesa que sobe e desce para a pessoa trabalhar de pé ou sentada. Como fornecedores, vemos que eles estão pensando para frente.



Alexandre Reginato,
fornecedor da Caderode pela empresa
Triches Ferro e Aço.

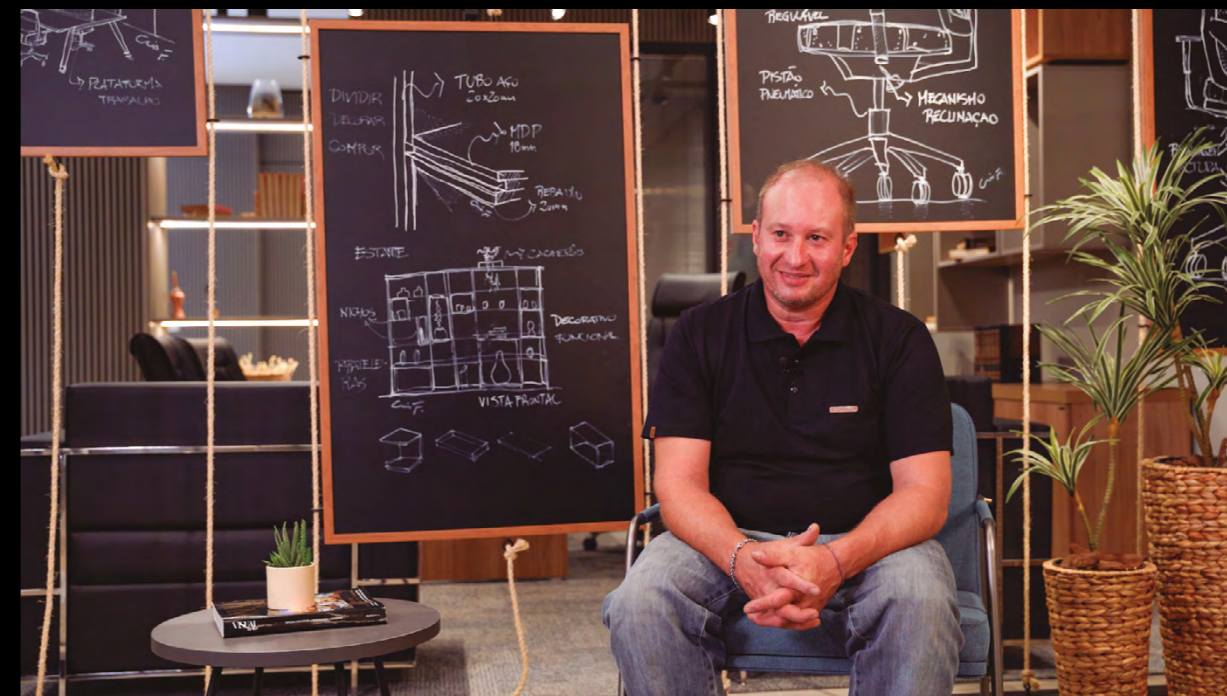


O desafio, no início, era saber produzir a cadeira, porque a gente não tinha consciência de como ela era feita. Tínhamos que pegar um projeto que não entendíamos nada, o Bobi e o Chico nos ensinavam e íamos desenvolvendo devagarinho o processo delas. A Caderode foi a primeira empresa em que trabalhei. Já se passaram 30 anos.

No começo, era o sonho deles ter uma empresa de cadeiras, e o começo foi realmente bem difícil, até que tudo foi progredindo. A primeira venda, de 30, 40 cadeiras, foi um grande orgulho para eles. Então, pra quem trabalhava junto, também foi.

Começou comigo e com meu irmão, depois entraram outros funcionários. Acompanhar o crescimento da Caderode e estar na empresa é um grande orgulho. Ver o crescimento de uma empresa, que começou em um porão e hoje está grande assim, é algo muito bom.

As pessoas, para a Caderode, significam amor, carinho, família. Há um grande respeito com o pessoal e vontade de trabalhar.



André Torcatti,
funcionário da Caderode há 30 anos.



Minha relação com a Caderode começou quando eles iniciaram as cadeiras de escritório, que foi na mesma época que a Rhodes estava começando a fazer componentes para este mesmo produto. E eu me lembro que eu ia lá na empresa, que era pequena, na época, e começamos a fazer um trabalho em conjunto que, tanto para a Caderode quanto para a Rhodes, deu muitos frutos.

Eu gostava muito de falar com o Paulo, o pai do Bobi, do Chico e do Vanderlei. Toda vez que eu entrava na empresa eu passava por ele e a gente ficava conversando. Ele era uma pessoa exatamente igual ao meu pai, que, mesmo sem muito estudo, encaminhou muito bem os filhos.

A Caderode começou em um porão, depois foi para um pavilhão pequeno e, hoje, olha só a potência que está. E eles sempre cresceram com os pés no chão, de forma linear e sólida. Isso é muito importante. Que aconteça de uma forma que os pilares estejam bem fixos.



Elton Giacomello,

fornecedor da Caderode. Atua nas empresas Rhodes Engenharia e Transportes e Squadroni.



Minha relação com a Caderode começou muito cedo, quando vários membros da família Dondé foram meus alunos na Escola São Rafael. Ali inicia uma história que depois se amplia ao longo dos anos, quando os filhos dos meus alunos passaram a frequentar a nossa escola, a Escola Interativa (instituição de ensino particular localizada em Flores da Cunha e Antônio Prado, que proporciona aos estudantes uma metodologia que estimula a autonomia, o protagonismo e a educação empreendedora). Aí a relação se ampliou e se fortaleceu quando o Volnei foi presidente da nossa Associação de Pais e, junto comigo, teve o sonho de construir a sede própria da Escola Interativa.

Ela existe hoje pela força e pela energia da família Caderode também. Toda a comunidade se mobilizou para que nós

tivéssemos uma escola nova, quando precisamos entregar o prédio onde estávamos. E, realmente, essa questão da Escola Interativa com sua sede própria só aconteceu por causa de pessoas como Volnei, Chico e Vanderlei.

A história da Caderode é uma história de sucesso, isto está a olhos vistos de todos nós, de toda a comunidade de Flores da Cunha. A Caderode é uma empresa de destaque que se renovou, que se modificou por dentro, que teve coragem de perceber o novo mundo que estava acontecendo, que deu jovialidade, que deu vida aos espaços colaborativos.



Eroni Mazzocchi Koppe,
empresária e amiga da família.



O meu marido dizia: “Tu cuidas em casa que eu cuido da empresa.” Acompanhar o início da Caderode foi árduo, porque o Volnei trabalhava muito e a gente tinha crianças pequenas. Ele vinha para casa só para almoçar, muitas vezes nem vinha jantar, porque tinha que carregar caminhão, trabalhar até altas horas da madrugada. E às vezes, as meninas me pediam: “Mãe, o pai veio dormir?” Daí eu dizia: “Sim, ele veio dormir, mas já foi.”

Era, realmente, só trabalho. É por isso que eles têm o que têm hoje. Essa sociedade, eu acho que uniu eles ainda mais do que eles já eram pelo elo de serem irmãos. Eles sempre colocaram o trabalho em primeiro lugar, nunca negaram o serviço para ninguém. Além do esforço, foi também a humildade deles que os ajudou a dar certo.

Teve um período em que eu fui trabalhar lá. O meu sogro fazia uns rolinhos que botava nos pés das cadeiras e ele chamava eu e as gurias para ajudar, mas elas nunca gostaram de fazer aquilo. Ele tinha sempre umas balinhas de menta no bolso, que dava para as netas ficarem lá. Aí ele dizia: “A empresa é delas também.”



Evandra Dondé,
esposa de Volnei Dondé (Bobi).



Eu sinto gratidão pela empresa por ter me proporcionado construir a minha carreira na área de tecnologia. E orgulho de fazer parte de uma história tão rica.

Acho que a Caderode enxerga as pessoas realmente como o cerne do negócio, porque é incrível o sentimento de pertencimento. O Bobi e o Chico, além dos meus diretores, posso dizer que são meus amigos. Eles conversam com todos e estão sempre à disposição para auxiliar naquilo que for preciso, mesmo não sendo algo relativo à empresa.

São 30 anos e olha só tudo que foi construído aqui dentro... Poder fazer parte de mais da metade dessa história é um orgulho imensurável.

Que a gente possa continuar evoluindo junto nessa mesma velocidade, nessa mesma batida, nessa mesma sinergia, continuar crescendo, continuar expandindo, continuar abrindo lojas, que isso é o que vai aumentar a força do nosso legado e o que vai poder oportunizar que tantas pessoas tenham experiências incríveis como as que eu tive fazendo parte dessa história.



Fábio Fortunati,
gerente de TI da Caderode.



No início, o trabalho era quase 24 horas. Tinha turnos à noite, aos sábados... folga só no domingo à tarde. Foi um pouco desafiador para a família, porque tivemos filhos e o pai deles tinha que estar sempre na empresa. Foi um desconforto não ter a presença, mas nada que a gente não tenha superado. Era o trabalho dele.

Eu me lembro que, no início, que foi ali no porão, eles tinham bastante trabalho fora, nas casas das pessoas, porque não tinha espaço, não tinha nada. Então, eles trabalhavam mais com o pessoal fora de casa do que na própria empresa.

Todo começo é sempre de muito trabalho e muita economia. Eu me lembro de uma cena da minha sogra ajudando no café: ela fazia o café em casa e levava para a empresa. Ela até convidava os representantes para almoçar.

Não imaginávamos, lá no começo, que a empresa chegaria onde está hoje. Cada dia era um dia, a gente não tinha dimensão da proporção que iria chegar. Mas eles trabalharam com qualidade. E quando tem qualidade, a gente nem se preocupa com o fator financeiro, porque qualidade sempre gera lucro.



Ivanete Dondé,
esposa de Valdezir Dondé (Chico).



Eu tenho um carinho muito grande pelos meninos. O Chico trabalhou comigo na vinícola, ele devia ter uns 14 anos. Foram momentos muito bons. E eu tenho boas lembranças de ver eles correndo. Eles sempre foram meninos muito trabalhadores, muito criativos e observadores, ao ponto de, às vezes, chamar a atenção até dos próprios donos. “Olha, isso aqui não está certo”. Um senso de justiça, atitude, que é uma coisa que a gente vê pouco hoje. Sempre extremamente honestos, trabalhadores.

A gente percebe que as pessoas de sucesso são natas. Elas vêm com muito interesse, com seriedade, principalmente com atitude, vontade de aprender e evoluir. São características muito fortes de quem realmente tem um futuro bom pela frente. Lá atrás já se desenhava um futuro muito bacana para eles.

A Caderode é um orgulho para nós, para a comunidade. Que a empresa continue prosperando, sendo moderna e humana. E que mantenha esse lado social muito forte, que tem sido um exemplo.

O carinho que eu tenho por esse pessoal é uma coisa muito forte e o sentimento que eu tenho hoje é de orgulho.



Julio Fante,
diretor da Fante Bebidas, de Flores da Cunha.



Aos 30 anos, vemos uma nova Caderode, mais alinhada ao mercado, à arquitetura, com diversos pontos de venda no Brasil, na América Latina e agora na América Central.

Eu brinco sempre que, antes, a empresa era muito preto no branco, era mais restrita em questão de cores, de modulações. Hoje, a gente teve que se reinventar, oferecer mais soluções. E estamos focando em cada vez mais atender o mercado com diversas soluções para dentro dos escritórios. A gente é totalmente inquieto nessa situação.

Não adianta ter as melhores máquinas, as melhores matérias-primas, os melhores softwares, tudo que for de melhor, se não tiver as pessoas. Temos hoje uma equipe de cerca de 200 colaboradores, e as pessoas são os fatores determinantes para o sucesso da empresa. Em todos os setores, desde o chão de fábrica, administrativo, engenharia, comercial, as pessoas são importantes.

Para o futuro, eu espero que a gente se consolide cada vez mais no mercado nacional e cresça como marca no mercado internacional.



Maico Bregolin,
gerente comercial e sobrinho de Valdezir e Volnei.



As minhas lembranças com a Caderode vêm desde o berço. Eu lembro de ir para a fábrica junto com meu pai no final de semana, quando eu era pequena, e brincar nas espumas com as minhas irmãs, ou então brincar de se esconder pelos espaços. Era a nossa diversão, passear junto com o pai, ver onde era o trabalho dele, sem entender muito bem o que a Caderode realmente significava.

Anos depois, já um pouco maiores, acompanhávamos o meu avô que fazia os rolinhos de jornal que iam nos pés das cadeiras de palhinha. Pré-adolescentes, a gente não gostava muito de fazer isso, mas hoje eu vejo que foi um momento muito importante, poder viver isso com ele, participar dessa história. Quando a gente é mais novo, não dá bola para esses pequenos detalhes. E aí quando a gente cresce e olha para trás, consegue ver o que foi construído e todo o esforço que eles tiveram para poder erguer uma empresa, toda dedicação e comprometimento.

O que mais me marcou com a Caderode

foi o meu primeiro emprego. Com 13 anos de idade, meu pai chegou em casa e disse assim: “Te arruma, que hoje à tarde tu vais para a fábrica comigo. Tu vais começar a trabalhar.”

Acho que foi ali, logo cedo, que eu desenvolvi o meu amor oficialmente pela Caderode. Começando de uma função bem básica, na produção, aprendi, tanto com o Bobi quanto com o Chico, um valor que é de família, que é ter humildade, saber que ninguém está acima de ninguém, que as pessoas estão aqui para se ajudar e crescer juntas.



Mariana Dondé,

filha de Volnei Dondé (Bobi), atua no setor de marketing da Caderode.



Lembro de termos lançado, em 2009, uma linha de cadeiras, armários e gaveteiros em tempo recorde, porque foi idealizada em reunião, e, em apenas 30 dias, foi lançada a linha, feitas as fotos, os catálogos digitais, os catálogos físicos e começamos o trabalho.

Ano após ano, o crescimento tem sido fantástico. Sinto que eu pude participar e colaborar um pouquinho para que isso pudesse acontecer. Todas as pessoas que trabalham na Caderode têm esse sentimento, é uma família, não existe estrelismo, alguém que ache que fez mais ou menos, porque todo mundo faz a sua parte, o que, no final, acaba culminando em um crescimento do jeito que está acontecendo.

A Caderode, para mim, nesses 15 anos, significa uma vitória pessoal. Eu atendi as metas que eu tinha proposto. E eu fico feliz em ter conseguido, por pouco que seja, ter colaborado com esse crescimento.



Milton Calgaro,
gerente comercial da Caderode.



A Caderode é uma empresa que eu conheço desde o início. Acompanhamos a marca, acreditando no seu potencial, porque eles sabiam trabalhar. Após a venda da Metalmóbile, eu comecei a me dedicar a vender máquinas e equipamentos italianos para o setor moveleiro. Foi feito um convite a eles para visitar a Itália e aí eu acho que foi o pontapé inicial muito forte, porque eles acreditaram na tecnologia. Com isso, nós facilitamos para eles adquirirem a primeira máquina, uma coladeira de bordas, o que deixou tudo mais produtivo e com qualidade. Antes, eles faziam à mão.

Acompanhar a evolução da Caderode não é fácil. O Bobi tem um dizer, que é "jogo rápido". Então, ele tem o raciocínio muito rápido e faz as coisas com muita rapidez mesmo.

Hoje, ela é uma empresa ímpar no setor, tem poucas empresas no Brasil nesse nível. Ela tem uma estrutura na parte metalúrgica muito forte, que a maioria dos concorrentes não tem. É uma empresa de ponta que, em pouco tempo, terá uma formação perfeita para ser a Indústria 4.0.



Nestor José Gaio,
vendeu a empresa Metalmóbile à Caderode.
Hoje, é fornecedor.



É emocionante lembrar daquelas poucas cadeirinhas pequenas do início, e, hoje, ver o quanto evoluímos. O começo era tudo manual, mas a gente trabalhava com amor para fazer aquelas peças caprichadas e vender bem.

No meu início na Caderode, eu tinha uma filha pequena e não tinha condições de pagar uma escolinha pra ela. O diretor me levou na casa dele para ver como era o trabalho. Ele estava numa mesinha bem pequena, onde me mostrou como deveriam ser feitas as cadeiras. Ele disse que levaria tudo na minha casa para que eu pudesse fazer lá mesmo. Eu comecei a trabalhar no porão da minha casa. Daí eu cuidava da minha filha e fazia cadeira para eles. Hoje, ela trabalha na Caderode também.

O diretor dizia assim: "Bah, quando eu fizer 35 cadeiras por mês vou estar feliz". Eu estava fazendo 15. Só que chegou uma época que foi 25, foi 30, foi 40, foi 50 e foi indo, sempre mais. Lembro de um dia em que carregamos uma caminhonete Rural com cadeiras e o Bobi saiu dirigindo. De repente, todas elas começaram a cair e eu saí correndo atrás, gritando, "Bobi, olhas as cadeiras, olha as cadeiras!"



Nilva Scapinelli,

funcionária da Caderode há 30 anos.



A principal lembrança que eu tenho com a empresa é de quando eu e meu irmão éramos pequenos e nosso pai nos levava até lá. Tinha uma área onde ficavam as espumas, e eu e meu irmão ficávamos brincando, subíamos no mezanino e pulávamos nas espumas. Corríamos até as escadas, subíamos de novo e pulávamos.

Já a história que mais me marcou foi o meu primeiro salário. Quando eu tinha uns 12, 13 anos, eu trabalhava no almoxarifado, fazia a separação de peças, locomovia os paletes, os materiais, etc. E após o meu primeiro mês, um dos diretores da empresa me deu uma quantia pelo meu primeiro mês de trabalho lá. Foi inesquecível.

Falar de Caderode é falar com o coração. Eu tenho muita paixão por trabalhar nessa empresa. Todos os dias, eu tenho vontade de estar lá, de crescer, de fazer mais. Isso me move diariamente. Eu sempre ouvia o Chico e o Bobi falarem da família Caderode. Só que eu não tinha noção do que era isso. Só depois de entrar na empresa eu percebi o real significado dessas palavras.



Paulo Dondé,
filho de Valdezir Dondé (Chico). Atua na Caderode no setor de qualidade e pós-vendas.



O inquieto não é apenas marketing. Isso está muito impregnado nas pessoas que aqui estão, especialmente na gestão. Essa inquietude é algo que impacta em toda a cadeia da empresa. O ser humano costuma buscar o comodismo, mas aqui não. Quando se acha que está tudo alinhado, as coisas já mudam, já tem um novo segmento entrando, novas tecnologias para atender outras demandas... e isso tudo vem da inquietude da direção, que não se contenta apenas em melhorar os processos, ela busca sempre por produtos novos, ampliando mercado.

O foco é no novo, inclusive, nas novas parcerias, mostrar que não é só uma empresa de mobiliário corporativo, mas uma empresa que entrega solução completa ao ambiente do consumidor. A Caderode poderia estar fazendo apenas cadeiras e mobiliário de escritório, mas ela se reinventou.

Ela já está em um patamar de inspirar outras empresas, ela já é vista no mercado como um modelo a ser copiado, não é uma fábrica qualquer. Ela inspira. Aqui na fábrica está o meu coração.



Christian de Carli,

gerente de engenharia da Caderode. Está na empresa há muitos anos e já passou por várias fases.



A Bigfer está desde o início da Caderode, há 30 anos, fornecendo matéria-prima de acessórios para móveis da empresa. É um cliente da casa desde o começo. Existem clientes e clientes amigos, que é o caso da Caderode.

O Chico e o Bobi são pessoas com quem temos acesso direto, são extremamente amigáveis, humildes, são da nossa terra, da nossa gente. Eles têm semelhança muito grande com a nossa direção da Bigfer, que também é uma empresa familiar, com acesso aos gestores sem muita burocracia.

A Caderode chega aos 30 anos devido ao comprometimento com tudo, não só com a parte do cliente, mas com o fornecedor e com os seus funcionários. É uma empresa a se espelhar. O que vemos nessa ascensão é que podemos esperar uma Caderode muito maior no futuro.

Eles valorizam demais as parcerias, que é algo que eu considero importante. Como é bom chegar no cliente e ser atendido, bem recepcionado. Da minha carteira de clientes, a Caderode é um dos que eu mais gosto de atender, justamente por causa dessa amizade.



Sidemar José Rambo, vendedor externo há 20 anos da Bigfer, empresa que é um dos fornecedores mais antigos da Caderode.

EXPEDIENTE

Título: Caderode 30 anos. Uma história de inquietos

Ano: 2024

Texto: Valquíria Vita (Legado Histórias de Vida)

Projeto Gráfico e diagramação: Camila Cornutti e Márlon Uliana Calza (Estúdio Gentil)

Edição e organização: Legado Histórias de Vida

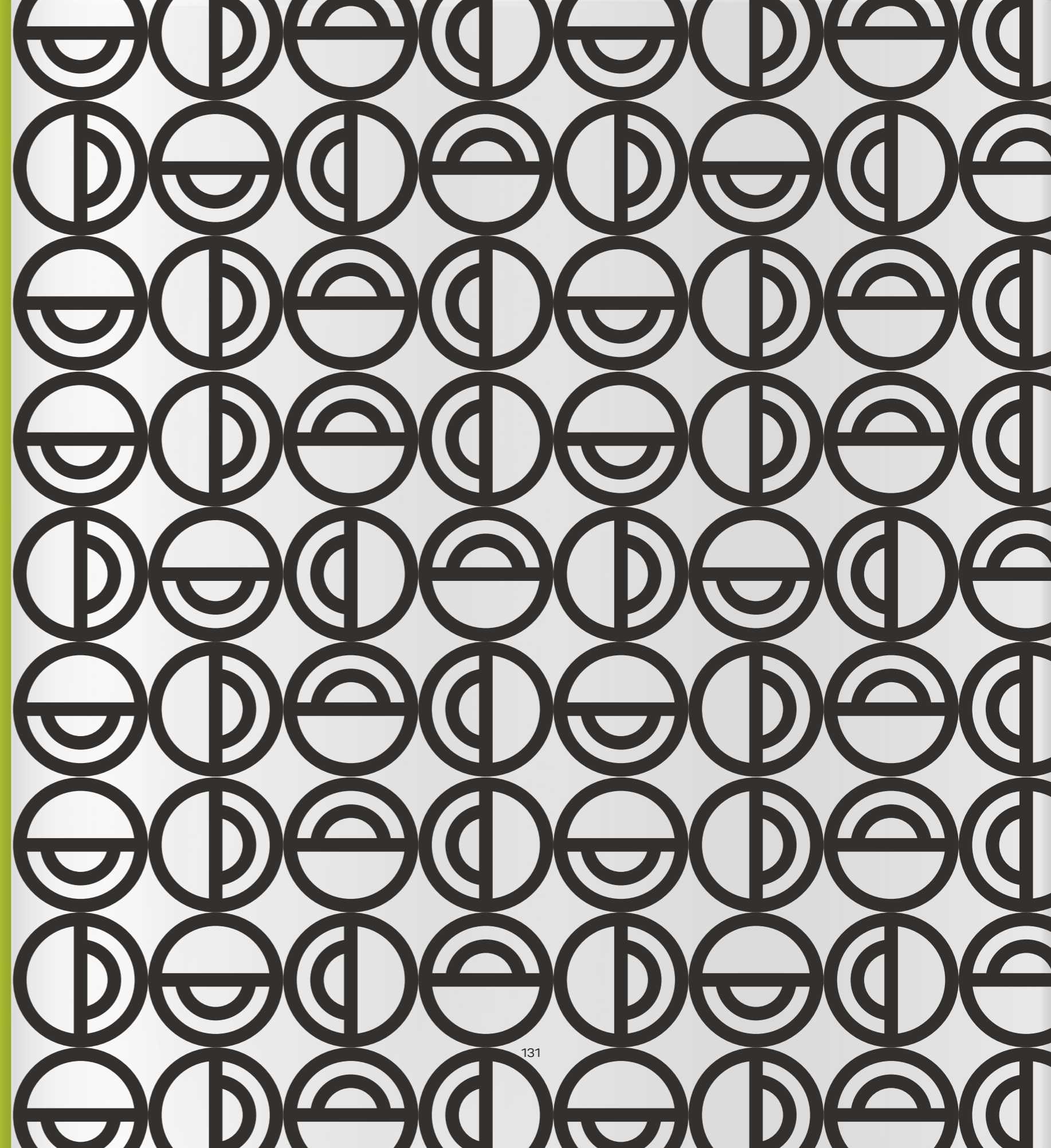
Fotos: Arquivo Caderode

www.historiasdevida.com.br



Este livro foi produzido para celebrar os 30 anos de história da Caderode, indústria de mobiliário fundada em 1994, em Flores da Cunha. Ao longo dessas três décadas, a Caderode construiu uma trajetória marcada pela inovação e pela busca de excelência em cada detalhe, destacando-se no mercado de mobiliário nacional.

A realização deste livro é fruto do trabalho da Legado Histórias de Vida, responsável pela preservação de memórias, e do Estúdio Gentil, que assina o projeto gráfico. Que este registro inspire as próximas gerações e reforce o compromisso com o legado de qualidade e confiança da Caderode.



CADERODE 30 ANOS



LEGADO
HISTORIAS DE VIDA